

# AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"

24/11/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mário Vol. 10  
Ano III 1.750 (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 4

## Notícia sobre Quintino Bocayuva

Quintino Ferreira de Sousa — mais tarde Quintino Bocayuva — nascido no Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 1855, na rua Luiz de Camões, no pedido em que existe hoje a Chácara Portuguesa de Leiria. Era filho do Quintino Ferreira de Sousa, natural da Itália, e de sua esposa, d. Maria da Cunha Laria de Moreno, descendente de nacionalidade argentina.

Cresceu em tenra idade, partiu para São Paulo, alí se matriculou no Curso Anexo da Faculdade de Direito. Ali, estabeleceu no "Acayaba"; e logo, com Ferreira Viana, fundou o intitulado "A Honra", e, de inícios a publicação é autora de indole republicana. Nessa época que adota o nome de Bocayuva. São Paulo, nesse momento, abrigava uma juventude ardente e lutava, destacando-se, entre os principais representantes, os que se chamavam Alves de Azevedo, Tavares Bastos, Viana, Duarte de Freitas, pelas dificultades finanças com que lutava, saiu de São Paulo, e se dirigiu para o Rio.

Em 1913, está na corte e se torna "Diário do Rio de Janeiro" de Saldanha Marinho, seu seu seguidor, é colaborador desse folha. Escreve, também, no "Correio Mercantil", página em que trata preferencialmente assuntos americanos, sentindo os vários aspectos das relações do Brasil com os Estados do Prata e o Paraguai, e as relações desses países entre si.

Por ocasião da guerra do Paraguai, fez uma viagem ao Paraguai, trazendo dali suas convicções republicanas mais amadurecidas.

Em 1870, fundou, ele e Saldanha Marinho, o Partido Republicano, cujo órgão, "A República", apareceu em 3 de dezembro daquele ano. Trazia o primeiro número da folha o famoso "Manifesto Republicano", obra de Quintino, com colaboração de Saldanha Marinho e Salvador de Mendonça. Salvador de Mendonça e Francisco da Cunha este ex-diretor da "Democracia" que se publicava em Porto Alegre, foram seus cooperadores dedicados na "República". Em 1873, no dia em que se comemorava a proclamação da República no Brasil, foram empasteladas as oficinas desse jornal, e o atentado foi atribuído à própria polícia.

Pouco tempo ficou em deserto o jornalista, e já no ano seguinte — 1874 — apareceu outro jornal sob sua direção — "O Globo", jornal que existiu até 1878. Reaberto em 81, fechou as portas definitivamente em 83. Quintino escreveu, avulsamente, em "O Cruzeiro". Mas em 1885 já se encontra à frente do "Paiz". Foi esse jornal fundado no ano anterior, tendo como diretor Ruy Barbosa. Ruy pouco se demorou ali, passando o seu cargo a Quintino. E' no "Paiz" que ele se vai revelar o jornalista poderosissimo que atendeu a todo o Brasil, o artista de habilidade incomparável, o grande anunciamento da República em nossa terra. Cerca de 100 mil páginas, todas as provas de

apreço e consideração. Ferreira de Araújo o considera Príncipe do Jornalismo. Seu nome vale como uma bandeira de combate, e a última eleição da Câmara do Império o demonstrou muito bem. Naquela ocasião, Isaac Martins, Dunshester de Abranches, Rocha Lima, Manuel Caetano de Lemos, Alípio Alcides de Carvalho e outros, levantaram a sua candidatura a deputado pelo 6º Distrito do Maranhão. Quintino obteve uma votação tão considerável que quase forcedo o candidato liberal a entrar em segundo escrutínio. A cidade de Carolina deu-lhe uma votação maior co que a deu aos seus competidores do Partido Liberal e Conservador.

Em sua tribuna jornalística, prosseguiu Quintino em seu incansável trabalho contra o trono. Em seus editoriais diáários, demonstrava a falência da Monarquia no Brasil; com os seus artigos e com a sua ação individual estimulava o desenvolvimento da que ficou chamada Quintino Militar — e que antes nem uma série de questões militares. Foi principalmente a sua extrema habilidade de diplomata e de político que se deveu a adesão de Deodoro às ideias de combate ao Gabinete do Ouro Preto, e por conseguinte ao movimento que veio a surdir a República.

Em 1889, é ele investido na supremo chefia do Partido Republicano. Em 15 de novembro (aquele ano histórico), temo-lo ao lado de Deodoro, vivendo todos os momentos da vitória do regime novo com que sonhava a vida inicia, e cuja idéia de fendera em suas memoráveis manhanas. Ferreira Viana Filho, (autor) que escreveu uma circunstância notável da vida de Quintino Bocayuva, contou-nos qual foi o papel dele no dia da proclamação da República Monárquica. Deodoro depõe a Deodoro de Ouro Preto, mas ainda conservando o respeito e o acatamento pelos princípios monárquicos, dando vivas a Pedro II, e anuncianto que se entender com o Imperador sobre a organização do novo gabinete. "Quintino compreendeu o perigo e procurou conjurá-lo. A primeira medida que tomou foi interpor-se entre Deodoro e Benjamin, que lembrava ainda o plebiscito e impedir que se aproximasse do general emissário do Imperador. Por isso, ao desfilar as tropas pela cidade, Quintino colocou-se entre os dois, que, durante o trajeto não pronunciaram uma palavra".

"O Paiz", em sua edição de 10 de novembro de 1889, ao narrar os grandes acontecimentos do dia anterior, dá-nos bem a sintese a alegria veemente que ente o coração e a alma do seu deputado.

Organizou-se o Governo Provincial, e a Quintino cabe a pasta das Relações Exteriores, e, interiormente, a da Agricultura, cujo titular efetivo, Demétrio Ribeiro, se achava no Rio Grande do Sul. Em 1890, vai ele ao Rio da Prata, afim de assinar o tratado de limites que ficou com o nome de Tratado das Missões. Essa viagem desenhou-o contra ele uma oposição veementissima no Congresso, na imprensa e em toda a parte. Quintino não foi acusado, então, de ter sido advogado da Argentina, e

muitos dos seus opositores o dão mesmo como argentino. De volta ao Brasil, compareceu ele perante o Congresso, e tentou explicar a situação anormal em que se encontrava Brasil por ocasião do Tratado, e tendo feito ver as razões que o haviam levado a assiná-lo — pediu ao Congresso que não acreditasse o Tratado. O Congresso fez-lhe uma ovacão entusiástica e lhe foi concedido um voto solene de respeito e profunda admiração, pela sua maneira de agir por ocasião do Tratado.

Deixando o Governo Provincial, vai ele ocupar o seu lugar de Senador, pelo Estado do Rio, na Constituinte Republicana. Vai, também, para a sua coluna de "O Paiz", continuar em sua missão de esclarecedor da opinião pública. Com o golpe de Estado de Deodoro em 1891, Quintino foi preso como conspirador contra a República. Em 12 de dezembro daquele ano renunciava o seu mandato. Em agosto de 92, foi reeleito para o Senado, ali permanecendo até 1899. Reeleito nesse ano, renunciou por ter sido eleito presidente do Estado do Rio. Terminado o mandato presidencial, renunciou fazer-se eleito na vaga de Nilo Peçanha, que fora seu sucessor no governo do Estado.

Em 1900, o Estado do Rio de novo o elegeu Senador por nove anos. No mesmo ano foi eleito vice-presidente da casa, sendo reeleito para a vice-presidência nas seguintes sessões legislativas. Em 1910, é-lhe dada a presidência da Comissão Executiva do Partido Republicano Conservador. Na luta do Civilísmo, é ele adversário de Ruy, seu antigo companheiro de propaganda republicana, seu colega de gabinete no Governo Provincial.

Faleceu em sua modesta casa de subúrbio, à 19 horas do dia 11 de julho de 1912, e foi enterrado, conforme seu desejo, no humilde cemitério de Jacarepaguá, numa covinha rasa, sem nome, assinalada apenas pelo n.º 214.

Indo visitar seu amigo morto, o marechal Hermes, que era presidente da República, expressou à família enlutada o desejo que tinha o governo de prestar todas as honras do grande brasileiro. A família recusou tal homenagem, exhibindo o testamento do seu chefe, o documento intitulado "Para quando eu faleça" — peça que é, sem dúvida nenhuma, um acaibado modelo de humildade espiritual.

**BOCAYUVA NUMA REMINISCÊNCIA DE NABUCO**

... Em casa eu via muito a Tavares Bastos, que me mostrava simpatia, todo o grupo político da época; era para mim, estudante, um desvaneçimento descer e subir a rua do Cujidor de braço dado com Theophilo Ottoni; um prazer vir conversar no "Diário do Rio" com Saldanha Marinho e ouvir Quintino Bocayuva, que me parecia o jovem Hércules da Imprensa, e cujo ataque contra Mantecuama, a propósito da capitulação de Uruguai, me deu a primeira ideia de um polemista destemido.

(*Minha Formação*, pag. 3)



QUINTINO BOCAJUVA

## SUMÁRIO

PAGINA 49:

- Notícia sobre Quintino Bocayuva
- Um rincão de lucro d'Amadora
- Num reiço feliz, de Quintino Bocayuva

PAGINA 50:

- Os Mineiros da Desgraça, drama de Quintino Bocayuva, de Machado de Assis
- Correspondência de escritores, Carta de Quintino Bocayuva a Rodolfo Alvim
- Algumas partes sobre Quintino Bocayuva
- Fatos principais da vida de Quintino Bocayuva

PAGINA 51:

- Bibliografia de Quintino Bocayuva, de M. L. Jornais em que Quintino Bocayuva trabalhou
- Sandálio a 1905, de Quintino Bocayuva
- Bocayuva, na campanha da República, de Alcindo Guanabara
- Stéphane Mallarmé, — II — Entrevista, de João Alvim
- (Recitativo) de Quintino Bocayuva
- Sonhei-a

PAGINA 52 e 53:

- O testamento de Quintino Bocayuva — Para quando eu morrer
- Correspondência de escritores, Carta de Francisco Glycerio a Quintino Bocayuva
- Dois misterios em ação (De Os Mineiros da Desgraça) de Quintino Bocayuva
- Uma reminiscência de Quintino Bocayuva, de Machado de Assis
- Olegário Mariano (nota, com um retrato de Leopoldo Celi)
- Bibliografia da poesia de Olegário Mariano
- Algumas fontes sobre Olegário Mariano
- Um autógrafo de Olegário Mariano — Mistério
- Destumbramento, de Olegário Mariano
- Felicidade, de Olegário Mariano
- Mirtila de Ventura, de Olegário Mariano
- O enterro da cigarra, de Olegário Mariano

PAGINA 54:

- A grande missão, de Lauro Soárez
- Correspondência de homens públicos, Carta de Assis Brasil a Síndico Lopes
- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea (Segunda Série — Antologia)
- III — Olegário Mariano:
- A Alegría da Vida
- Conselho de amigo
- Água corrente
- As duas sombras
- Os Elhos
- A Canção da Saudade
- Ovelhas tremalhadas
- Evocação
- O termo da jornada
- Crepusculo de D. Juan
- Pastor de Esperanças
- Desafeto

PAGINA 55:

- A Morte de Quintino Bocayuva, Dois discursos no Senado (Nilo Peçanha e Francisco Glycerio) e um discurso na Câmara (Raúl Fernandes)
- Quintino e a Academia, de M.
- O milagre do Nordeste
- A velha estrada
- Que a vida leva
- Festa da chuva

PAGINA 56:

- Quintino Bocayuva na chefia do Partido Republicano — Discursos de Campos Salles e de Quintino Bocayuva
- Explicação do suplemento Inocentes, de Quintino Bocayuva
- Ensaio, de Quintino Bocayuva
- O milagre da Vida
- Milagre do Nordeste
- A velha estrada
- Que a vida leva
- Festa da chuva

PAGINA 57:

- O mito do Brasil-mirim, Conferência de Elza Pacheco
- O mesmo poeta, poema de Henrique Lisboa, com ilustração de Santa Rosa

# "OS MINEIROS DA DESGRAÇA" -- DRAMA DE QUINTINO BOCAJUVA - Machado de Assis

O nome que firmou estas linhas no meu diário este período, que entia considerava, e continua a considerar uma verdade sem contestação:

O autor dramático não é, ainda, entre nós um sacerdote, mas um erete do momento, que trouxer imediatamente o chapéu ao paçar pela porta do templo. Ora e foi a caminho.

Se, além do mal enunciado, há algum demérito nestas palavras, é serem elas a repetição do que por mais de uma vez se tem dito a propósito deste assunto.

Os que nessas se pronunciam são sentidos que à nossa mocidade não faltam nem talento nem disposição para o teatro. E talvez como causa da nossa pobreza, nessa parte das letras, a falta de estímulo e de animação.

Em minha opinião, os que assim se exprimem, não fazem mais do que reproduzir a realidade das coisas.

Não entrarei, por certo, na investigação do fato, nem procurarei demonstrar qual é esse estímulo que põe em desâimo as penas que mais habilidades estão para o caso.

Uma coisa nos consola da deficiência de nossa literatura dramática, é que, se as obras que possuímos preudem na importância numérica, ganham muito no valor literário e moral.

Muito e mediocre não é, nunca, foi riqueza. Pouco e bom, raro e superior, não sei que haja outra opinião melhor, a não ser a que reuni em alto grau as duas condições do número e do merecimento. Mas essa não é propria de uma literatura, que, como a nossa, comece a formar-se.

Se há, portanto, razão para entristecer na pouca vida do teatro nacional, de outro lado, há motivo de contentamento, quando se vê que os frutos dessas poucas atividades são em grande parte bons e suculentos.

Um deles acaba de ser lançado a ansiedade pública, nessa cela sublime, em que, como diz um escritor, Shakespeare: dá a comer e a beber a sua carne e o seu sangue.



"Maquette" do monumento a Quintino Bocayuva, a ser inaugurado este ano. Terá 11 metros de altura, sendo 6 da estátua e 5 do pedestal. É obra do escultor H. Leão Veloso, que se sentado na base, junto ao pé direito da estátua

O último drama de Quintino Bocayuva, no lado do mérito literário, respira uma alta moralidade, duplo ponto de vista, em que deve ser considerado e em que mereceu os sinceros aplausos dos entendidos.

E' sempre belo quando uma voz generosa se ergue, em nome da inteligência e da probidade, para protestar contra as misérias sociais, com toda a energia de um carater e de uma convicção.

E deve-se ter entusiasmo com a manifestação dessas convicções e desses caracteres em um tempo, em que tudo o que é elevado se abate e desmorona.

O drama, de que se trata, é um desastre protesto. Os mineiros da desgraça, os que fabricon, à custa das lágrimas e da fome, o castelo da sua própria fortuna, os usurários, enfim, são a disformidade social, que o autor ataca de frente, sem curar de saber até que ponto essas entidades são necessárias pela sociedade.

Acetáis pela sociedade? Parece absurdo. Mas não é: são aceitas, aceitadas mesmo; o que o poeta dirá no seu drama, é a verdade, a verdade inteira; as comédias que lhes põe ao peito não são resultado de uma fantasia; elas são comendadoras, porque neste país maravilhoso, e neste tempo de milagres, renumeraram-se todos os vícios, desde que todos os vícios pagam os porgaminhos das gratas.

No encalço dessas entidades repulsivas veem outras, que, ultravessando ligeiras o fundo do quadro, mal deixam sinais de si. Mas pertencem ainda ao numero das que estão em oposição com a gente séria e honrada.

O autor teve largo campo para exercer a sua censura, e aproveitou-o bem. Retratou o tipo, apresentando duas figuras — Vidal e Venâncio. Vidal é o usurário dramático; Venâncio é o usurário cômico. Ambos são hediondos; o gesto feroz de um e riso alvai de outro traduzem a mesma coisa. São o verso e o anverso da medalha; mas a medalha é a mesma. Eles seriam incompletos se não fossem hipócritas. Vidal e Venâncio são hipócritas. Vidal finge-se o sal-

vador de uma família para dar posto à sua sensualidade. Vidal engana ao escolhido de sua futura mulher; mude-a, a ela própria. Venâncio não é menos fingido que seu socio. Em mais de uma ocasião da prova de saber em alto grau a arte exigida para ser de sua profissão.

Com tais predicados, estas duas criaturas acham-se moralmente unidas; o interesse comercial as liga mais, ligando-lhe as firmas. Trabalham de acordo para encher o mealheiro comum; e Deus sabe como se enche o mealheiro da usura. O da firma social de Vidal & Venâncio enche-se pelo empréstimo, pelo penhor e pela moeda falsa.

A figura obrigada dos dramas modernos, conhecida geralmente pelo nome de Desgenais, também entra no drama. Essa é sempre a parte do autor: é pela boca sentenciosa do moralista que o dramaturgo moderno luta as censuras nos vícios da sociedade.

O Desgenais da peça é rude e grave, franco e digno. Diz aquilo que pensa, porque tem o direito dos homens com quem lida, e sabe que a dignidade não é o traço distintivo deles.

O moralista é sempre audaz, por isso mesmo que representa a minoria da sociedade.

Em minha opinião, o moralista nunca pode deixar de ser uma figura de convenção. Entre nós, pelo menos. E' por isso que eu acho que não se deve exigir do autor as razões por que o fez orador ou não, e por que em tal ocasião não foi meus grave, e em tal outra, menos joval. Ele é sentencioso, é quanto basta; ele censura, ele toca na chaga com a tranquilidade do médico, com isso nos devemos contentar.

Paulo é o amante enternecido, que, intrigado por Vidal, torna-se, depois de um período de anos, o flagelo vivo do usurário, desagravando a justiça na entrega que faz de um réu.

Paulo é uma alma elevada e um nobre coração. Caixero de João Vieira, honrado negociante, estima-o como se palheira, isto nos dias da ventura como nos dias de infiúncio. E só o deixa no dia em que a intriga de Vidal os separam para sempre.

Elvira, a filha de João Vieira, é uma figura de que o autor pouco tratou, mas que não deixa de contribuir com o seu quinhão de bondade e virtude para o fundo do quadro sobre que ressaltam as duas figuras principais.

O pernilhão idiota e dissipador, o ministro influído pelo deus Empíeno, a mulher que se encarrega nos salões de aproximar as almas tristes e desconsoladas, lá verão a sua própria fotografia. O autor as copia e apresenta sem perturbar as ações de seu drama.

A ação é simples, e caminha facilmente. Tendo conseguido casar com a filha de João Vieira e realizar uma rápida fortuna, Vidal, que não se deteve no caminho das misérias, que sempre levou, vê-se um dia diante de Paulo, a quem mais tarde deverei à moralidade e à justiça o seu desagravo.

Paulo, senhor do segredo da moeda falsa, correspondeu-se com Vidal na Europa, e um dia, havendo em mão tudo quanto é legalmente exigido, apresentou-se em casa de Vidal com os instrumentos da justiça, que se apoderaram dele.

Maurício, o moralista, ofereceu um asilo à viúva do usurário, e tal é o desfecho do drama.

Tenho ouvido duas censuras. Versa uma sobre o desenlace, que se diz precipitado; a outra, é ainda sobre o desenlace, que deixa sobre o nome do filho de Elvira uma nôdoa pela prisão de seu pai.

Não deixo de dar razão aos que acham que o autor pre-



Quintino Bocayuva, com companhia do seu coronel do Exército Belarmino de Mendoza, da arma de Engenharia. A "foto" foi feita em 1889, em Montevidéu, por ocasião do Tratado de Limites com a República Argentina.

## CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES

Carta de Quintino Bocayuva a Francisco Gleyser.  
Rio — 21 — Março 1888.

Meu caro Gleyser,

Sobre o contexto da tua primeira carta só agora te dirijo que a ocasião não era oportuna. Ninguém mais do que eu azeja e promove pelos meios ao meu alcance a realização do meus desideratum, da única esperança que nos resta hoje como patrónarios e como patriotas. Sem jactância creio poder dizer que tenho espreado todas as ovensões e tenho aproveitado tocas as circunstâncias e elementos para o fim de tornar possível o grande fato de que depende o futuro da nossa causa e o futuro da nossa pátria. Mas o momento ainda não chegou. Há de chegar, talvez mais brevemente do que se supõe. Sobre esperá-lo é também dar prova de magacidade política. E essa é entre outras umas das minhas pretensões.

Quanto ao assunto da tua segunda carta ele tem menos importância do que parece. Os nossos correspondentes telegráficos não comprometem nem podem comprometer a responsabilidade editorial da folha. O de São Paulo acha razoáveis os fundamentos da não saída do projeto relativo ao imposto dos 400\$000; mas eu heide ainda declarar que eles foram absurdos e contraditórios. Não o fiz ainda porque isso envolve a questão geral do programa atribuído ao governo e porque a proxima eleição do primeiro distrito desta capital tornará necessárias as explicações de Ferreira Viana. Presumo que os meus correligionários vão obrigar-me ainda uma vez a ser candidato. Sobre isto há divergência entre os nossos amigos. Entendem alguns que se deve rotar no Ferreira Viana por pertencer a um gabinete que vai proclamar a abolição; entendem outros que os republicanos devem abster-se... A maioria, porém, do Congresso Municipal decretou que se pleiteasse a eleição que eu penso que continuamos no regime das embacadas e das putinhas. A reserva e as malas palavras do gabinete item por item evitaram-me enganar a alguém. A quem? a nós ou aos escravistas. That is the question. O que é certo é que terel de supor novos desgostos por parte dos amigos. Até aqui só eles me incomodaram: os adversários não tenho queixa. Do que ocorre te darei parte.

O correligionário afetuoso

Na correspondência de Quintino Bocayuva, há muitas cartas assinadas assim com a inicial Q.

pitou o desfecho. O desfecho é verdadeiro panfleto, onde muitas das excrecências sociais podem encontrar uma linha que tratará a seu respeito.

O público, que o aplaudiu, mostrou estar agradado do modo por que se lhe falou.

Tocou-lhe no íntimo porque se lhe falou a verdade, e, como diz o mestre da satira moderna, rien n'est beau que le vrai.

Nutro um ardente deseo: é que o teatro nacional se curte que de obras como esta, e que os que sentirem dentro de si a fibra dramática, não deixem palpitar em voo. O teatro é uma força, força como arte, força como moral; não a inutilizem que é inutilizar o futuro.

A sociedade dramática nacional devemos a exibição dessa. Os seus diversos papéis foram desempenhados com mais ou menos relevo.

(Diário do Rio de Janeiro — 24 de Julho de 1881)





# AÇÃO - (De "Os Mineiros da Desgraça") - QUINTINO BOCAJUVA

ENTRA O CONSELHEIRO

O CONSELHEIRO (apressado) — O sr. comendador, esta  
é a hora de ir.

MURCIO — Olá sr. conselheiro, estimo encontrá-lo. Já  
me prometem a V. Excia. e não pode achar-me. Tenho a honra  
de apresentar-lhe o meu amigo o sr. Paulo Dorval, que pretende...  
O CONSELHEIRO — Ah! sim, sim; está aí.

PAULO — Pardon, Exmo., eu não queria lugar algum.

O CONSELHEIRO — Ah! quer dizer, os seus papéis estão  
bem? Não quero de enganar nem de demorar as partes.  
Eu posso fazer isto feito, e quando não posso... não posso.

PAULO — V. Excia., equivoca-se. Não tenho também papéis

O CONSELHEIRO — Então o que me dizia o sr. Mauricio?...  
MURCIO — Dizia eu a V. Excia. que o meu amigo pre-  
tendia a honra de ser-lhe apresentado para lhe entregar um  
negócio que trouxe da Europa, a respeito do colonização do

MURCIO — CONSELHEIRO — Pois quando queria, quando queria, na  
semana passada em minha casa, estou as suas ordens. Por hoje  
imposto-lhe a dançar algumas contradições: até logo. (Sai)

MURCIO — Viu?

PAULO — VI.

MURCIO — Chama-se a isto um ministro atrapalhado  
pelos engenheiros e que para livrar-se de importunidades, adota  
o expediente de dar a todo o mundo por contentado, mesmo  
quando não quem lhe pediu.

PAULO — E' provável a sorte do nosso país, meu amigo,  
que é esta sociedade? Não há invenção aqui?

MURCIO — Ha, e alguns jornais também.

PAULO — E o que fazem?

MURCIO — Que fazem? Homem, não faz m... nada.

PAULO — Mas não escrevem ao menos?

MURCIO — Escrevem.

PAULO — E que conseguem?

MURCIO — Conseguem faz... ao fim do ano dois ou quat...  
e... homens!

PAULO — E' triste. Há em tudo isto um d...ito.

MURCIO — Ha, e não sabe onde ele reside?

PAULO — Não.

MURCIO — Ali! Demora-se!

PAULO — Demore-me. Vou fumar.

MURCIO — Puxa eu lá vol... porque decididamente quer  
deixar o monstro. Sei que está no bale, mas ainda não  
pode vir.

ENTRA MARIA

MARIA (a Mauricio) — Então que é isto? Retira-se porque  
me vê.

MURCIO — Não, senhora, retirava-me para vê-la.

MARIA — Ja falou com meu marido?

MURCIO — Ainda não.

MARIA — Pôs ele quer falar-lhe.

MURCIO — Vou procurá-lo então.

MARIA — Até logo.

MURCIO — Até já. (Sai).

PAULO — Minha senhora!

MARIA — Então, senhor, se não venho procurá-lo, não  
vou querer por vê-me?

PAULO — Como já tive a honra de cumprimentá-la...

MARIA — E basta isso? Sab: que tenho uma unica de  
sua vez?

PAULO — Ignoro-o.

MARIA — Não gosta da nossa sociedade?

PAULO — Porque o supõe?

MARIA — Porque o acha triste e contrariado.

PAULO — Sobram-me razões para isso. Nestas ásias não  
é uma figura estranha?

MARIA — Por que?

PAULO — Porque o sou. Sem relações, sem amizades, sem  
titulos, por consequência, posso porventura concorrer com tantos  
cavaloços amavéis e queridos?

MARIA — Pois. Tem todos os predicados para vencer.  
Dê-me o caso de que esteja apaixonado?

PAULO — Não, senhora.

MARIA — Então, conheço já a sua moléstia.

PAULO — Quem é ela?

MARIA — A necessidade de amar.

PAULO — Tavez.

MARIA — E há-de ser amado também.

PAULO — E há nos seus salões remédio para esse mal?

MARIA — Sim; como em todos os salões. Achá-nos a todos

que não possamos inspirar um sentimento desses ao  
contrário?

PAULO — Ao contrário. Mas as preferências?

MARIA — Conquistam-se.

PAULO — E' tão difícil!

MARIA — E' tão fácil! Olhe, tenho uma amiga que sobre  
o meu é igual à sua. Se a conhecesse, amava-a.

PAULO — E' possível.

MARIA — E' certo. Quer conhecê-la?

PAULO — Com muito prazer.

MARIA — Pôs espere-me aqui. (Sai).

PAULO (Sô) — Pobre mulher! Envenenada ao contacto da

condição maldita que frequenta, distila de seus labios a corrup-

ção que lhe infiltraram no alma!

ENTRAM MARIA E ELVIRA

MARIA — Quero apresentar-lhe a um moço que não co-  
nhece e a quem devés conhecer.

ELVIRA — E' bom!

MARIA — E' bom!

ELVIRA — E que me importa isso? E' seu amigo?

MARIA — E'

ELVIRA — Pôs será esse o seu único título para mim.

MARIA — Sr. Dorval.

ELVIRA — Ah!

PAULO — Minhas senhoras.

MARIA — Que tens?

ELVIRA — Nada.

MARIA (a parte) — Entendo. Ainda sou muito simples!  
tinha-me invejado. Ah! que vou perder a minha valsa. Elvira,  
eu já voltei. (Sai Maria).

PAULO — Elvira!

ELVIRA — Paul!

PAULO — Bem vés que há supícios eternos!

ELVIRA — Dom vés que as dores não matam!

PAULO — Lembravas-te de mim?

ELVIRA — Não me esquecest?

PAULO — Os anos passaram, mas a memória do corsedo

levo naquele essa modesta, onde vivemos ambos os melhores

anos da vida! Pobre Elvira!

ELVIRA — Mais desgracada do que supões! Ligada por laços  
indissoluíveis ao vergonho da minha felicidade, ao assassinato  
meu pai, sofro como uma escrava o jugo que a sorte me impõe!  
Ah! minha mal! minha mal!

PAULO — Detem tuas lágrimas. Elvira; vim de bem longe  
para salvarte, porque o coração me dizia que eras desgracada  
e porque eu pude saber parte dos teus infortúnios!

ELVIRA — Saberia muito, mas não sabes tudo! Compreen-  
des o que é ser uma filha sem pai? Uma amante sacrificada  
aos braços dum monstro, repulsivo de forma e hediondo de ca-  
rater! Sabes o que é ser esposa dum senhor a quem se detesta?

Mai dum filho, a quem se deve, a quem se não pode deixar de  
aviar, embora cada carícia sua, cada gesto, cada traço do sem-  
blante, cada palavra, a todo instante, recorde, retrate, a imagem  
do corrimento da nossa vida! Ah! não sabes!

PAULO — Mas eu te salvarei. Elvira!

ELVIRA — Impossível, meu amigo. Ninguém evita o seu fado.

PAULO — O excesso da dor erga-te o coração. Crê, espera,

Elvira, porque a crença é o bá-santo tanto da alma, e a esperança  
a luz que nos guia. Não é só o coração que me impõe, é o dever.  
Eu concordei, por minha loucura, para a tua desgraça; devo  
preciso salvar-te. O homem que te possue é indigno de ti, e  
indigno da sociedade. E' um monstro de crimes, sordido de  
caráter, vil e infame.

ELVIRA — Se o embora, meu amigo, nem por isso deixo  
de pertencer-lhe. O dever e a religião ligaram-me a ele, só a  
morte nos poderá separar.

PAULO — Não, porque nem a sociedade nem Deus não  
podem aceitar um sacrifício dessa ordem. Arrancar-te-ei de seus  
braços. Procurar-te-ei um asilo honesto e seguro.

ELVIRA — Não: o sacrifício que fiz por meu pai, ficaria nulo.

PAULO — Mas o seu marido é indigno de ti, se é um infame  
criminoso!

ELVIRA — Não, Paulo, é o pai de meu filhei!

ENTRA VIDAL

VIDAL — Quem é o senhor?

ELVIRA — Ah!

VIDAL — Um homem que o despreza e que o odeia.

VIDAL — E' natural. Na situação em que seu insulto me  
coloca, eu não sou só um homem, sou um marido! E o senhor,  
naturalmente, é um desex ridículo gamboim que tem por  
objeto explorar a inexperiência ou a perversidade das mulheres  
fazela. O senhor odeia-me, é justo, sou seu inimigo natural! O  
senhor desgraça-me, não precisava dizer-lhe, porque os ladrões  
da sua espécie só assaltam a honra daqueles a quem desprezam!

PAULO — Preciso-o de que um insulto mais pode custar-  
lhe caro.

ELVIRA (baixa) — Paulo!

VIDAL — Ainda mais. O senhor é ou supõe-se valente...  
Na sua idade é um delito comum... em que se não reparo.  
Talvez a custa de alguma subserção, talvez a custa da minha  
propria bala, mandarão-vos à Europa e veio de lá, mora-  
lista de espada ou de pistola, a querer definir pontos de honra  
e a solver as dificuldades com um tiro ou uma estocada. Há de  
ser isso. Pôs, meu senhor, declaro-lhe que está noutro mundo,  
que aos meus olhos, como aos olhos de toda a sociedade, o senhor  
é ridículo e infame.

PAULO — Misericórdia! Abusas da tua velhice!

VIDAL — E quanto à senhor, se não se envergonha, não  
trem. Levante-se do po, mas quer voltar à sua origem. Volte.  
E' lógico, é fatal. As mulheres que se deshonram aviltam-se.

Vamos, a hora, por ora, pertence-me ainda.

ELVIRA — Vamos.

ENTRA MAURICIO

MAURICIO — Oh!

PAULO (querendo acompanhar Vidal) — Um insulto à essa  
mulher, velho cinista, é a tua ruina. Eu a acompanho, minha  
senhora.

VIDAL — Vamos, senhora, que não quero arrastá-la.

MAURICIO — Meu amigo, acalme-se. Ele está em seu direito.

PAULO — Mas hei de seguir-l-o.

MAURICIO — E' uma imprudência, um escândalo e um  
atentado.

PAULO — Tens razão; posso comprometê-la.

MAURICIO — Afinal, é seu marido.

PAULO — E' mos tudo isso não evita que eu vá buscá-lo,  
provocá-lo, esbofeteá-lo publicamente.

MAURICIO — Não faça isto, meu amigo, porque pode ter  
consequências.

PAULO — Nenhuma assusta ao meu desespero.

MAURICIO — Mas digo-lhe ou que é uma loucura! Os re-  
sultados hão de ser aterradores, incalculáveis! Não imagina!

PAULO — Qualis? Um duelo, uma luta de morte? Tanto  
melhor.

MAURICIO — Não; não é capoz disso; mas avalia a ofensa  
em dois ou três contos de réis, toma testemunhas e pede re-  
ação do fane.

PAULO — Então, é sempre um miserável!

MAURICIO — Não senhor, é sempre um capitalista.

(Paulo acaba por executar a sua vingança. Vidal e

Venâncio são presos. Elvira será entregue a uma família

onde encontrará um abrigo tranquilo).



Quintino Bocayuva, ao tempo em que era vice-presidente do Senado Federal

**Uma reminiscência de Quintino Bocayuva**

Machado de Assis.

Uma noite, como sábados no Teatro Ginásio, Quintino Bocayuva e eu fomos tomar chá. Bocayuva era, então, uma gentil figura de rapaz, delgado, tez macia, fino bigode e outros serenos. Já então tinha os gestos lentos de hoje e um pouco daquele ar DISTANT, que Taine achou em Merimée. Disseram coisa análoga de Châtelain-Lacour, e alguém ultimamente definiu como TRES REPUBLICAIN DE ARISTOCRATE DE TEMPERAMENTO. O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto. Ao chá conversámos primeiramente de literatura, e pouco depois de política, matéria introduzida por ele, e que me expandiu bastante; não era usual nas nossas práticas. Nem é exato dizer que conversámos de política, eu antes respondia às perguntas que Bocayuva me ia fazendo, como se quisesse conhecer as minhas opiniões. Provavelmente não as teia fixas nem determinadas; mas quis quer que fossem creio que as exprimir na proporção e com a precisão apenas adequadas ao que ele me ia oferecer. De fato separamo-nos com prazo dado para o dia seguinte, na loja de Paula Brito, que era na antiga praça da Constituição, indo do Teatro S. Pedro, a meio caminho das ruas do Cano e dos Cipangos. Referir esta nomenclatura morta é risco de memória velha. Na manhã seguinte achei o Bocayuva escrevendo um bilhete. Tratava-se do DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, que ia aparecer sob a direção política de Saldanha Marinho. Vinha dar-me um lugar na redação, com ele e Henrique Cesar Mário.



Quintino Bocayuva, quando presidente do Estado do Rio (1901-1903). A fotografia foi tirada no jardim do Palácio Rio Negro, em Petrópolis, que era àquela época o palácio residencial do presidente do Rio de Janeiro, sendo Petrópolis, como era, o capital do Estado. Aquela residência é hoje a residência de verão do Presidente da República.



Quintino Bocayuva e Pinheiro Machado, senadores. Quintino presidiu o Senado como seu vice-presidente, na ausência permanente do vice-presidente da República, Wenceslau Braga. A foto feita à saída do Palácio do Catete (1912).

# A GRANDE MISSÃO - LAURO SODRÉ

O que vê em verdade Quintino Bocayuva, fora de par, acima de tudo e de todos, "super omnia" e "super omnes", e que esse admirável documento, saído de suas mãos, o Evangelho da democracia, como ele o escreveu como um novo São Lucas, ensinando a sé doutrina de que todos nos haveríamos de ter o ensino, desdenhando-nos nessa fonte inconsciente, quando nos comece ameaçar a boa nova. Nas mãos desejadas nos andou sempre como a nossa Bíblia política, o famoso munição, vindo do grande Estudo da Federação brasileira, que é São Paulo, onde, quando era ainda uma das antigas províncias do Império, Quintino escreveu os que professaram já a eterna salvação, empenhados na tarefa plúvica de implantar em o mundo para o regime político, que nos daria liberdade para juntar dignamente entre as terras livres do continente americano, eternamente a não-dizer de Latino Coelho que a América Latina, herdeira da velha Europa, devia reencontrar a herança cuposa das ideias, sem querer o encargo das velhas tradições.

Um dia, na tribuna do Senado, quando nessa casa do Congresso parlamentar modestamente ocupava sua cadeira, honrada pelo voto livre do eleitorado paranaense, quando me falei de Quintino Bocayuva, dizendo em poucas palavras muito que a sua vida encerra de maravilhosa, e pedi que nos anais dessa Câmara fosse conserrado o manifesto republicano em suas linhas tantas cintilâncias desejaria a pena de Quintino Bocayuva.

Pertence ao grupo dos que saíram dos barões da Escola Militar, que tanto se recomendou pelas audiências das suas atitudes, tendo recebido entre as fileiras de sabios mestres as que mais dura e nobre reputação de todos esse inesquecível Benjamin Constant, de quem, almoço em 1º de outubro em 1878, recebi com as primeiras noções

de ciência diferencial, as primeiras palavras, que diziam o que era e o que valia a moderna filosofia científica. E no salão da sua casa de ensino e educação fomos todos nós, como discípulos do eminente professor, como si fôssemos novos Ispóstolos da sé doutrina a ser medida por toda parte, "unidos ei docentes". Assim fui ter ao redor da pátria querida, que a minha terra é natal, e em Belém, chegando que fui nascido, que lançassemos as bases da nova aventureira política que foi o Clube Republicano, com 11 de abril de 1880, embora-me, como me enunciou, a minha 12ª tenente do 4º Batalhão de Artilharia o encargo honoroso de ser o sócio a quem fizesse direi dos nossos intérulos e da nossa fé democrática.

Nas minhas maiores linhas sempre para meu governo a sé e sempre orientação da política de Quintino Bocayuva. E nela sempre me inspirei para falar em nome do nosso credo político. E foi seguindo as linhas traçadas pelo grande sábio, que redigiu os manifestos pelos em público pregação, um em 1886 e outro em 1888. Eram elas que nos predominavam no que dera o primeiro e largo passo para que nos libertássemos da instituição monárquica, que nos fizesse pensar como casaco e no dizer do ilustre escritor português, quase uma anomalia, isto é, orgânicas em certa maneira distante de flora política do nosso mundo.

Vivemos sempre solidários com o consagrado chefe republicano brasileiro. E nos nossos anais, no volume, em que ficou escrito a nossa vida, figuram as palavras de Quintino Bocayuva, quando em 1889 teve que falar à Nação, ao receber a elevação que o proclamou o ministro de todos, encarregado de exercer as funções de diretor da política do partido republicano brasileiro, cargo honoroso em que foi tão acertado e merecidamente posto, pelo congresso federal republicano re-

nido na cidade de São Paulo.

Foram memórias as palavras escritas por Quintino Bocayuva no seu Manifesto de 22 de outubro de 1889.

Calem algumas linhas expressivas desse escrito para dar valor ao que rói de misericórdia nesta hora que chega a sua suprada.

Assim disse esse mestre das mesmas, entre quantos houveram na vida afanosa da imprensa, que é bem a "reine des reines" no dizer de notável escritor francês:

"A República Federal é da vez porque tem de ser."

Toda a origem do problema está circunscrita à vida do atual imperador, o qual se anuncia os sores humanos pessimismo da instituição monárquica, que o mundo, que aliás, será o primeiro, como filho desta mesma terra, e como é, em respeito desde o leito os países americanos, o primeiro a apadrinar no íntimo da sua consciência, este desespero vital da pobreza e grandeza, que o assomou na orfandade e que foi para ele em todo o curso da sua história, existência, crenças e espírito, apesar dos erros da política e dos males resultantes da instituição fatal que se apresenta.

E desse ponto, do qual se anuncia naturalmente a menor inferioridade, como relação a tantos outros nobres conselhos, que em torno houve a hora de dizer a palavra a todos os meus correligionários, incluindo seu patriotismo, deprecando o seu apoio, para em intensa e cordial união, reunidos em torno da nossa bandeira, aparelhamos as forças do nosso partido e ovelharmos pelo nosso esforço e determinação a aderência da República Federativa Brasileira."

Assim foi a segura previsão de Quintino Bocayuva, com seu valor de que se ela tanto milagres tem visto na história da humanidade.

"Jornal do Brasil" — 4-12-1936.

## CORRESPONDÊNCIA DE HOMENS PÚBLICOS -

Carta de Assis Brasil  
a Simões Lopes

"Rio Grande, 1º de julho de 1933. Dr. Idelbino Simões Lopes — Rio de Janeiro. — Fregado amigo:

E' muito merecida a homenagem que ai profiram a memória de Quintino Bocayuva. Ninguém exerceu maior influência do que ele — ninguém exerceu mesmo tanta — sobre os espíritos dos moços que despontavam para o "futuro" republicano. De mim direi que foi o seu principal inspirador. Além disso, foi um tipo modelar, pela bondade, pelo talento e pelo humor cívico. V. é testemunha da injustiça de o quererem fazer passar por evoluçãoista anônimo em comparação com Síria Jordão e outros a quem pretendem conferir o prestígio de revolucionários. Agrade, a encarar a responsabilidade de Bocayuva não lhe avisei que eram pregados intensivamente e a todo momento à Igreja armada contra a ordem estabelecida. Ele entretanto, reconhecia que, no momento decisivo, seria preciso derrotar pela força a ordem monárquica. Outra das suas propriedades, esse parecer quando vim a ele conferenciá-lo, era de que, em maio de 1889, como então do nosso povo do Rio Grande do Sul ao Congresso Republicano de São Paulo, que Bocayuva não considerava chefe do republicanismo nacional. Aprovou, convencida-

mente o critério que os republicanos "agrandenses" haviam adotado na Revolução da República e que pode ser sintetizado assim: "O Império deve ser afastado antes da implantação do 2º Reinado, isto é, quando ele menos espera ou acha que o mestre prejerei e o de tirar e outra o Império as suas próprias armas. Isto é, fazê-lo apagar pelo Exército, sob a influência e direção do partido Republicano".

V. terminaria por esse tempo e seu curso de Enceraria e era "para sempre" entre a nobreza republicana. Deixou-o no Rio a missão de me apresentar tanto de Bocayuva. V. cumpriu-o intimamente como era de esperar, ao chegar, de regresso ao Rio Grande, recebeu uma longa e interessantíssima carta sua, narrando a situação. O agente com a qual era Conservatório, e sabia nas Liberdades e confidando-me das suas confidências com Bocayuva, das quais levou sempre a impressão da sua grandeza e liberdade que libertários admitem. Por essa mesma ocasião, recebeu também carta de Bocayuva, confirmando essa situação e dizendo-lhe, entre outras referências a fatos possíveis, que já se havia entendido com "aquele nosso amigo". E o general Câmara, na reunião de Petrópolis, a quem pediu pessoalmente para se unir ao seu acho republicano e que, por

sua vez, aprovou este devedor.

Tanto a sua coroa, como a de Bocayuva, recém possuíram o "nare magna", dos meus peixes acumulados num touro, "a lá direita" na longa vida de estudos e práticas que foi a minha. Vou fazer um esforço para encantar e, nesse caso, terei gozo em postar a sua disposição. Creio-me muito seu. — J. F. de Assis Brasil".

Q. Bocayuva, "Correio da Manhã", 3 — Agosto — 1935, 2.º pg.



# A MORTE DE QUINTINO BOCAJUVA

O DISCURSO DE NILO PEÇA-NHA NO SENADO

Nunca o orador teve a palavra tão augustada nem tão digna, como falando desse grande homem de Estado, que durante cerca de meio século perseguiu os ideais da democracia no Brasil.

Quem com mais autoridade fala de Bocajuva, da majestade e da emoção da sua eloqüência, das suas virtudes públicas e privadas e das suas glórias literárias na imprensa, na literatura e no teatro, é quem o próprio, falando o evangélico e o político, há de conjugar a sua paixão com a história da Pátria, desde quando ela ainda era uma fúntima lógia da liberdade até se tornar o seu legal destino Novo.

E resistiu, foi o maior de todos, ninguém combateu com mais veemência do que ele a direita extinta, a propriedade excludente, quando ela abria um porto à civilização do Brasil, mas também ninguém foi mais impassível e não há por todo esse país um só homem a quem ele tivesse mutilado a personalidade moral ou a consciência política. (Muito bem; muito bem.)

Sente-se suspeito para falar de Quintino Bocajuva. Lá se vão vinte e cinco anos que entrou na política pela sua mão politica, e não tem, nesse largo período, sendo uma jorina — a de ter saído obedecer a inspiração superior desse homem excepcional.

Revolto-se aos homens de então que tem servido a ciência e à liberdade, faz a contagem do seu exemplo, inspiro-me as percepções e, citando um grande cultor da língua portuguesa, diz que os homens superiores não se extinguem. El — só a síntese das erilações, que contêm o enredo como os europeus, sal — como os mares primitivos, como as minas, caí como as terras, carbono, como os chamas, raiz, tronco e rama como árvores, e que, por último, ostentam essa formosa cabeca, esplêndida flor esférica, a recender a essência das essências, a essência da idéia; o homem que se apoderou da mar primitiva, da terra pela locomoção, do céu pelo telescópio; o homem que, mourejando de século a século, de sol a sol, criou a arte, a filosofia, a história, a indústria, a moral, a ciência não se pode extinguir entre erros de argila ou entre as patodes de um túmulo.

No dia desse respeito a Quintino Bocajuva, as injustiças, as injúrias, as paixões, os ódios que neguem sempre os homens superiores, tem agora a sua hora de silêncio e, para os seus discípulos fiéis, a sua morte as-

sume as proporções de uma Resignado, impassível, como restituição. O que santifica o trabalho do homem de Estado, tornando-os pacientes, justos, superiores, a um tempo humildes e grandes, é ter diante de si a perpetua visão de um mundo melhor se não sob outros céus, ao menos na sua conciência e na justiça dos seus concidadãos.

A história há de uns dias dizer que ele foi o fundador da República.

Termina requerendo o lementamento da sessão em homenagem à memória do eminente morto. (Muito bem! Muito bem!).

DISCURSO DE FRANCISCO GLYCERIO NO SENADO

Sr. presidente — É preciso um esforço sobrehumano para que eu possa projetar algumas palavras, tal a dor profunda de que me acho dominado, com o passamento do meu ilustre e velho companheiro.

O Senado há de permitir que eu seja sóbrio de palavras, mas o uso do meu discurso será longamente compensado pela sinceridade das minhas manifestações, no momento em que me separo para sempre do meu antigo chefe político, do meu distinto e leal companheiro de campanhas políticas.

Há mais de 40 anos — foi dito em 1870 — que eu, o meu amigo (dirigindo-se ao sr. Campos Salles), o velho homem de Estado e Quintino Bocajuva nos juntamos nesta capital para iniciar a propagação das idéias que deviam, pela sua influência, transformar o regime governamental da nossa Pátria.

Enunciava singelamente este julgo, não é bastante para denunciar o que houve de grandioso e de feioso na ação política desse homem que arrebatou de desaparecer.

Fomos então jovens, todos, mais ou menos imprevisíveis e ele, o mais respeitado, destacava-se entre os seus amigos, precisamente pelo seu espírito eminentemente tolerante e pelos imprevistos da sua ação decisiva.

No entusiasmo da nossa campanha, em todo o Brasil, quando o凭orventura nos atingiu desfalcamentos oriundos da desordem conservante de pés. Sr. Presidente, a Morte continua a sua ronda sinistra pelas eminências sociais e políticas do Brasil. No seu voo brusco e torvo da aguda noturna vai suavizando vidas preciosas com as asas de pontas formidáveis; o mais querido dos nossos amigos, o mais notável dos representantes do Rio de Janeiro no Congresso Federal, tombou ontem ferido, caiu ontem fulminado. Desapareceu o grande mestre Quintino Bocajuva...

A bendita fluminense cadeira, sem dúvida, o dever de render todas as homenagens do seu sincero e profissionaismo pesar por esta perda, por todos os maiores irreparáveis, e, de certo — se desvendaria desejo de rever com a convicção, a força e a energia que lhe estavam dadas por obrigação de conciliência, se o "leader" desse caso não se antecipasse generosamente, rendendo ao grande morto de ontem as homenagens que lhe eram devidas, não só pelo Estado do Rio de Janeiro, mas por toda a República — pela Pátria.

A mim não cabe mais, portanto, fazer o elogio fúnebre que está feito. Cabe-me apenas em singelas palavras rememorar de leve as grandes virtudes círicas e privadas que serviram de quadro brilhantíssimo aos predicados intelectuais que os vieram postos por Quintino Bocajuva ao serviço da Pátria e da República durante um longo período da sua vida.

Atribuindo-lhe esse êxito, invoco o testemunho de meus melhores companheiros e, sobretudo, o testemunho da mesa sobre amigo Senador por São Paulo. ... O sr. Campos Salles — Apoiado.

O sr. Francisco Glycerio —

Dois discursos na Sessão — e um discurso na Câmara

nem teria conquistado a auréola imaculada que lhe durava a fronte, se predicassem tal não houvessem brilhado sobre um fundo de virtudes privadas e cívicas que raramente se encontram enfeitas em tão alto grau na mesma individualidade.

Políticos generosos, eu tenho conhecido muitos, igualmente intrépidos na defesa das suas convicções não tem faltado; de abnegados, pragas a Deus, a história política do Brasil nos de numerosos exemplos; leais para com os amigos, dessa lealdade que se manifesta de público no momento do perigo, também temos tido muitos. Mas um homem político em que essas virtudes concorram todas simultaneamente e no grau em que concorriam em Quintino Bocajuva, ainda não tivemos, alem dele. Foi um exemplo raro, precioso.

Sob a aparência fria do marmore, a impossibilidade, que lhe rendeu muitas vezes o qualificativo de inasenável, ele escondia uma alma extremamente generosa e boa, porque a sua impossibilidade era efeito de disciplina da vontade sobre nervos e sobre músculos; e não nascia do coração, que era bondoso, extremoso e eterno!

Homem que ocupou as mais altas posições no seu país, que foi Presidente de Estado, que foi Ministro do primeiro governo da República, que foi Senador durante largos anos, influência política preponderante, ele morre pobre.

E' o seu maior elogio! diz o sr. Serzedello Corrêa.

... e não tem a sua família senão o brilho e a fama de seu honrado nome.

Intrépido na defesa de suas convicções, o era de tal modo que o grande soldado da República, Fluminense Peixoto, deu disso — que ninguém conhecerá deitado calmamente corajoso.

E se o episódio que acaba de ser lembrado pelo honrado "leader", quando ele, trajando as vestes de paisano, cavalcou ao lado de Deodoro, na manhã histórica de 15 de novembro, arriscando sua cabeça em prol da Idéia republicana, por si só não bastasse para atestar a intrépida calma de sua coragem, outros episódios da mesma natureza estavam ai para dar testemunha de virtude tão rara.

Abnegado ele foi a tal ponto,

que era talvez, entre todos os políticos militantes do Brasil,

aquel de cujo conselho nenhuma

guerra podia imaginar ou supor

que trazia uma idéia preconceituosa, coqueta, coqueta de um fruto

político a obter. (Apalpos gerais).

E é por isso que na hora em que cai na refrega, embecido até a alma nas lutas políticas, de momento, nós temos a profunda convicção de que mesmo os seus adversários, divorciando os seus ideais, lhe fazem justiça de acreditar que ele não punha ao sertão de seu programa sendo o seu profundo, o seu grande amor à ordem pública.

A assim, em nome da bancada

fluminense, peço à Câmara

indistintamente, maior e menor,

que se compadeça de nossa

sorte neste momento, que reja

que se amerece de nossa sorte

que nos oferece o soldado atingido

em plena refrega, e mutilado,

estendendo os braços, suplicando

ao só os camaradas que o

circundam como os adversários que o contemplam, nedrindo

que se amerece de nossa sorte



# PARTIDO REPUBLICANO --

Como vos disse, não me cabe fazer nenhum pronunciamento de princípio.

Se o círculo crítico do partido republicano tiverce entender-se com alguém, e particularmente com os seus principais correligionários, para confortar-se na sua teoria, e se na sua ilustração, traçando as normas políticas que devem com preferência ser adotadas, na campanha em que estamos empenhados.

Aí, pois, é que tem de dirigir-me com franqueza e sinceridade. Se houver, como diz, no seio do nosso partido correligionários que parecem mais influenciados pelo fogo do patriotismo ou mais indignados, ou mais instigados pelo orgulho do abatimento da coroa e da rainha, e que se mostram mais impacientes com relação à ação do Partido Republicano, que tem sido a única a ser continuada a ser, inspirada pelo método da razão, o gradin, luta e incessante, não expõe aí, como alguns presumem, uma divergência no seio do Partido Republicano. Como amigos sinceros da causa a que são e todos nós temos votado a nosso direito, elen tem direito à nossa confiança; à nossa luta, aos nossos aplausos e à nossa animação. (Muito bem, muito bem).

Há pouco apenas licença para recordar que nessa ordem de lutas políticas, quando um partido ainda representa a minoria no seio de uma sociedade política, tem a necessidade de empregar, como bem o ponderou um querido amigo, vários meios, diferentes processos, que não impedem o emprego de medidas mais eficientes na medida oportuna.

Nesta ordem de lutas a vitória final pertence sempre aqueles que temem a sabedoria de esperar, aqueles que temem a paciência necessária para dar ao tempo aquela parte de colaboração indispensável na confeição de todos os arretonamentos humanos, na ética dos próprios homens positivos, que são o expediente estratégico dos partidos. (Aplausos).

Tomarei a liberdade de recordar a este propósito o episódio dos legionários de Gedion.

O que sonharam para sua temporânea e contínua é resistir aos impérios da sua própria natureza, ou que separam, com firmeza, superar os sofrimentos e as privações, avançando cada vez e resolutamente para enfrentar com o inimigo esses acarinhos vencendo os "muitos bens". Isto é, os céus e fluidos, que ainda preservam o seu apoio à política monárquica. (Aplausos).

A nossa principal missão, senhores, é esta: encorajar os peixes deveres que nos impõe a propriedade, isto é, a conquista das consciências e dos espíritos, pela difusão da verdade dos princípios da nossa doutrina. Encorajemo-nos que a nossa evolução tem sido uma realidade, que a causa republicana tem conquistado rapidamente uma dilatada zona de opinião nacional; que os primeiros imponentes da ideia republicana operaram-se contra as espécies frequentes de um vulcão em atividade natural; que a nossa idéia, firmemente, ocupa hoje na esfera política da nação, o campo mais extenso e mais forte. (Aplausos).

Este processo evolutivo não exclui, como já disse, a revolução nem o emprego de meios mais diretos e violentes, para chegarmos ao advento da República. A necessidade destes meios, e a oportunidade do seu emprego são de fato, determinados, não por nós mesmos, pelos nossos próprios adversários; e a sua natureza é que se as necessidades políticas nos coloquem na contingência fatal de termos de agir entre os braços da pátria e o sacrifício das nossas vidas; entre interesses fundamentais da nossa pátria e os riscos de uma revolução armada, não haverá um republicano que não haverá um patriota brasileiro que não prefira salvar a vida antes de assaltar a desordem e a ruina da pátria. (Aplausos prolongados).

Antes dessa hora, porém, o nosso dever é permanecer firmes na luta de combate e no terreno limitado da propaganda, que é a nossa bandeira.

Eu sei que a luta política, em uma nação como a nossa, é mais áspera, e mais difícil, e mais cheia de incidentes do que nos países mais velhos do que o nosso, constituição em outras bases, e operados por outros meios. Mas, justamente, o que há de constituir a nossa honra perante a história, e o que há de constituir a nossa força no presente, é justamente a circunstância de que todos nós quanto termos a nobre aspiração de melhorar as condições da nossa pátria, estamos dispostos a sufocar todas as ambições pessoais, aceitando uma posição de sacrifício e de abnegação. (Aplausos).

Nestas condições a luta travada já representa para nós, sem nos remontarmos a um período remoto, não poucas vidas sacrificadas ao dever da conciência política e da firmeza das convicções. (Aplausos).

E eu creio que nestas solenidades, embora de caráter aparentemente festivo, há de haver sempre na memória agradecida dos que sobrevivem os mar-

ros da nossa crusa, uma recordação honrosa para essa ilustre batalhadora que dormem e sono da morte. (Aplausos).

E a recordação destes nomes será sempre onde um conselho natural para a nossa alma, porque ela nas transições e transformações, levando-nos a tristeza e a tristeza e os traidores que, depois de haverem comungado conosco na mesma tripla, foram constituir-se caudilhos do poder monárquico, ostentando a sua impudicacia e vangloriando-se da sua própria ignomina. (Aplausos).

O partido republicano deve ter a pretensão de aproximar-se e de falar constantemente para a tribuna e pela imprensa, aos nossos correligionários que compõem ainda os dois partidos monárquicos, os reverenciados radicais da nossa doutrina. Como traidores e patriotas, os cidadãos que ainda militam nas fileiras monárquicas não podem deixar de condecer-se das drogas do nosso país, diante do espírito contrário que nos oferece neste momento a decadência do poder monárquico, a sua ineficácia endividada. A conciência pública já se vai esclarecendo. A instituição monárquica, já sem prestígio, parece haver chegado à crise fatal da sua impudicacia. Todos os aparelhos institucionais já não funcionam regularmente. (Aplausos). O poder público monárquico já se reconhece impotente para resistir aos embates da opinião nacional. A monarquia chega, pois, ao seu termo, vai desaparecer da cena política, deixando-nos como único legado, como única recordação da sua existência, a anarquia geral dos espíritos, a insecuridade das consciências, o alarme no seio das famílias, a falta de segurança para todos os direitos, nenhuma garantia para todas as liberdades fundamentais do cidadão. (Muito bem, muito bem). Ela nos entrega a pátria quase que exaurida na sua vitalidade moral e econômica. (Aplausos, muito bem). Ela nos entrega a pátria quase que exaurida na sua vitalidade moral e econômica. (Aplausos, muito bem). Tal é o resumo, tal é a obra de um longo reinado de quase meio século, tal é o espírito da instituição que se supõe adaptável a todos os progressos da sociedade, tal é o resultado de uma política insensata, servida inconscientemente pela subversão dos homens que não são os colaboradores da ruína da nossa pátria. (Muito bem).

Na aspiração republicana, entra como primeiro estímulo e desejo de ver a nossa pátria reerguida e assentada sobre um pedestal firme e forte, onde possa prestar-se por algum título que salve do óbvio e da comodão histórica a própria raiz que representamos. Sem um movimento viril, sem uma nobre energia que ateste perante o mundo a vitalidade do povo brasileiro, a história não terá uma página para registrar a nossa existência, para dizer que o povo brasileiro participou da agitação da liberdade e da democracia no seio da América, e que foi digno dos exemplos legados pelas nossas antecessoras na obra da reconstrução social da nossa pátria. (Aplausos).

Estamos na América, somos um país americano e temos, além do desejo, a necessidade de estruturar cada vez mais os vínculos da nossa solidariedade continental. Pois bem: esta solidariedade só poderá ser conseguida pela aproximação das nossas instituições políticas com os demais povos que nos rodeiam. No seio da Europa, compreende-se que a luta seja mais séria e arriscada, porque a ação republicana representa para as nações monárquicas daquele continente um foco de contagio, de que elas desejam preservar-se, empregando todo seu esforço todos os seus recursos, para impedir a encarnação dos povos.

Mas na América, onde a lei do trabalho e do esforço da fraternidade como que apagam as divisões que separam os povos que habitam este continente, basta que se estabeleça, no interior, o regime da democracia, e no exterior o regime do arbitramento internacional, para que o Brasil, como as outras nações americanas entre no geso definitivo da felicidade que lhe proporcionam as suas riquezas naturais e a índole democrática do povo.

O advento da república, extinguindo o privilégio de uma família, e extinguindo com ele todas as distinções e regalias não justificadas pelo mérito individual das virtudes, dos talentos e dos serviços; afiançando a liberdade em todas as suas relações com o desenvolvimento da iniciativa individual, garantindo todos os direitos e a livre expansão da atividade moral e industrial dos cidadãos, assegurando, com a paz e com a ordem, o progresso e a liberdade, será um foco de atração para a migração espontânea, permitindo a assimilação do elemento estrangeiro, tornando-o cooperador sincero do engrandecimento da nossa pátria. Teremos assim, no interior, a evolução franca do progresso, e no exterior, a instauração do regime da fraternidade internacional. (Aplausos).

Nestas condições a luta travada já representa para nós, sem nos remontarmos a um período remoto, não poucas vidas sacrificadas ao dever da conciência política e da firmeza das convicções. (Aplausos).

E eu creio que nestas solenidades, embora de caráter aparentemente festivo, há de haver sempre na memória agradecida dos que sobrevivem os mar-

**Discursos prounciados em maio de 1889, em São Paulo, no banquete político oferecido pelos republicanos paulistas a Quintino Bocayuva.**

O sr. LOPEZ DE OLIVEIRA: — Não haverá mais guerra do Paraguai.

O sr. QUINTINO BOCAIAVA: — Desvici-me talvez, senhores, da ordem das idéias que pretendem seguir; vejo, porém, ao ponto do meu programa pessoal como mandatário do partido republicano, no recinto a investidura solene do cargo para o qual fui eleito — o da chefia do partido republicano brasileiro.

Poco licença aos meus amigos para não secular deste título, comum dia preeminentes que possuem porventura certa ligadura a tão elevada causa.

O que eu acho, o que eu penso, e, ao lado da maior soma de responsabilidade que possa ser assumida juntamente, é mais amigos, a maior soma de compaixão e de dedicação da sua parte. (Muito bem, muito bem).

No desempenho da árdua missão que me foi confiada, só pretendo e só devo aceitar um compromisso, o de devolver oportunamente ao Partido Republicano a碰linda, que ele tem de entregar às minhas devidas mãos, puras de toda a mancha (muito bem, muito bem); e que no desempenho desta missão eu posso ter a satisfação de constituir-me o ponto de convergência de todas as forças do partido, de modo que possa no mesmo tempo ser o seu porta-estandarte, e o alvo da confiança dos meus amigos, o centro ativo das delicações partidárias.

Só assim, na ausência de outros mercenários, e na falta provisória de outros correligionários mais prestigiosos, poderéi aceitar perante o meu partido e perante o meu país, a posição que me constitue simultaneamente o alvo da observação e o alvo do golpe dos nossos adversários naturais.

Mas, como disse, se alguma coisa pode fortificar a consciência do homem político, é a certeza de que ele não se sacrificaria inutilmente, de que todos os proveitos serão sofridos em nome de uma causa nobre e gloriosa como a causa republicana, que não representamos. (Aplausos).

Nós somos um partido de privações e de sacrifícios; nem sempre reahrenares diante de nós a estrada larga e fraca; mas o dever do homem político é marchar com firmeza, ainda mesmo que por caminhos escabrosos e cheios de precipícios.

A marcha do partido republicano tem sido esta, e será ainda por algum tempo. O terreno que freamos é um terreno áspero, desigual, cheio de trechos e dificuldades; mas, cada dificuldade vencida, cada trecho transposto, avançando a apresentando, te hecio tanto a aproximação da hora final da nossa vitória. (Muito bem, muito bem, apelidos).

Nós não trabalhamos nessa luta política, por questões pessoais, nem na esperança de enriquecer no prazo do poder. Nós trabalhamos pelo futuro da pátria e devenimos, perante os pés deles e pronto a lutar, deparar o testemunho de que subvencionamos cumprir o nosso dever. (Muito bem).

E assim que eu comprehendo o Partido Republicano; e assim que, no posto elevado a que acabo de o ser, procurarei dar o exemplo da minha própria subordinação aos interesses superiores da nossa causa.

Talvez por serviços excepcionalmente apreciados por meus amigos, tenha tido a feritura de merecer esta "carta de concessão de confiança e consideração dos meus correligionários e conciliadores".

Nas alternações que tem sido obrigado a transpor, ocupando posições diferentes no jornalismo e no cenário da nossa política, ora mais avançado e ora mais retardado, ora mais de esquerda e ora mais retrógrado, tem contido, creio eu, na publicidade em que se recorre da eternidade, muita intacta e inquebrantável a minha fé republicana (aplausos), e fogo imortal da crença que tem sido o lema de toda a minha vida. (Muito bem, muito bem, apelidos).

E em nome dessa fidelidade que eu curo, as vezes, preferindo a calma aos meus concorrentes. Sei que eu sou o único do meu partido que temia dado esse exemplo; poderia citar muitas outras exemplos, ressaltando a constante firmeza e cerraria. Vejo aqui mesmo, nesse lado, entre os filhos republicanos que são os rumos do nosso espírito e exemplo de virtudes, a Rangel Pestana e América de Campos, os quais desprezando todas as vantagens, a que os seus talentos lhes davam direito, contentavam-se com ser, no meio de grandes privações, os apostolos abnegados da nossa doutrina. (Aplausos).

Não é, porém, somente nas posições brilhantes que podemos prestar melhores serviços. (Applausos). Alentado, portanto, por estes nobres exemplos, e pela confiança com que me amparava, ouço crer e custo respirar, que não serão sem fruto os nossos esforços combinados e que, por honra nossa e ventura da nossa pátria, podermos brevemente saudar a instauração do governo democrático da nossa pátria, proclamando a República Federativa Brasileira. (Aplausos prolongados).

## Explicação do Suplemento

Publicamos o quarto volume de *AUTORES E LIVROS*, com uma seleção de fascículos dedicados aos nossos grandes jornalistas da imprensa da Monarquia e dos primeiros anos da República. Já estão publicados os suplementos dedicados a Carlos de Laet, José Patrocínio e Alcindo Guanabara. Vem, hoje, o da Quintino Bocayuva. Virão, depois, os de Cândido Alves, Medeiros e Albuquerque e Paulo Barreto. Outros jornalistas havia, e ilustres, impondo-se aos nossos níveis de suplementos. Mas temos que passar a outros gêneros literários, pois ai estão os romancistas, os poetas, os ensaístas, os críticos, os historiadores igualmente a nos solicitar a atenção...

Voltaremos, mais tarde, aos grandes títulos da imprensa.

Quanto a Quintino Bocayuva, não era possível esquecê-lo, numa publicação em que tra-

tamos dos grandes jornalistas, das campanhas políticas do fim do século passado, poesia e etc., um dos etímos mais fulgurantes daquele momento. João Ribeiro, no delicioso capítulo sobre "A Vista de Jornalismo" (Fabril), evoca os seus começos no Rio de Janeiro, quando aquela chegou e iniciou a altitude da imprensa. "Aqui no Rio, a cidade por exceléncia, foi que vi a grandeza da imprensa e senti a grande fascinação". — Foi Quintino Bocayuva o primeiro que me chamou e me deu um pôr quem lugar na "Gazeta da Turca" e no "Correio do Povo". E são estes os três grandes mestres do jornalismo contemporâneo".

Acetamos o visto de João Ribeiro, e, como aos dois anteriores já dedicamos números de *AUTORES E LIVROS*, dedicamos

hoje este outro suplemento ao pôr em Bocayuva apenas o várias atividades que exerciu grande homem da imprensa na jornalista, e procuramos dar — a de autor de teatro, a de poeta, a de propaganda republicana.

Resta-nos declarar que não sempre o fazemos amostras das

## INOCÊNCIAS

— Vês, acaso, minha filha,  
Aquela nuvem formosa  
Que vens correndo no céu?  
— Vejo sim, minha mamãe,  
E que linda cor de rosa  
Que ela tem! oh, quem lh' deu?

— E vês, filha, lá, mais longe,  
Aquela sombra que, andando,  
Cada vez mais vai crescendo?  
— Ah, mamãe que tão escuro  
Parece que val ficando  
Val como que anoteceondo!

— E' isso mesmo filhinhah!  
São horas já de deitar-te.  
A noite não tarda vir.

(LÍRICA NACIONAL)

Vem depressa, vem rezar.  
E irás depois reclinar-te  
Sobre teu leito a dormir.

Olha: aquela nuvemzinha  
Que vai da noite tremendo  
Doida a correr pelos céus.  
Quase tonta de assustada.  
Vai abrigar-se correndo  
No vasto seio de Deus.

— Ah, mamãe, vou já dormir.  
Vou cerrar os olhos meus.  
Porei não no leito meu.  
Quero dormir em teu seio.  
Como no seio de Deus.  
A nuvemzinha do céu.

## QUINTINO BOCAIAVA

# O PRÍNCIPE - LUCIO DE MENDONÇA



Quintino Bocaiúva, quando Presidente do Estado do Rio.

## Príncipe dos jornalistas -- Patriarca da República -- Afrâncio de Melo Franco

A Nossa Brasileira rende hoje a homenagem do seu recôndito amor a Quintino Bocaiúva, comemorando o centenário da sua morte.

O grande Jockey e o da Cidade do Rio de Janeiro — heróis da grande Revolução — festejam parte oficial nas sociedades. E interpretam assim os admiradores do povo, a cuja saudade sempre esteve velada a nobre vila do incriável confraternal.

Foi na imprensa que se exerceram mais poderosamente a ação de Quintino Bocaiúva. Ele encheu um longo período da nossa história contemporânea com influência de sua crítica seca e imparcial, que os seus próprios adversários aceitavam por sua dureza derivada dos mais elevados propósitos e orientada unicamente pelo amor ao Brasil.

A justiça dos seus contemporâneos deu-lhe o título de Príncipe dos Jornalistas. Esse título lhe responde pela própria natureza dos acontecimentos e fatos sociais do seu tempo, como o de "príncipes" foi espontaneamente dado a Augusto, em hora do regime civil por ele inaugurado em Roma. A força, a virtude e a essência da obra jornalística de Quintino Bocaiúva foram em si mesmas a origem do consenso geral em considerá-lo o príncipe entre os seus pares.

Mas, além de Príncipe dos Jornalistas, foi ele, também, o Patriarca da República. O seu longo apostolado pelo governo do povo pelo povo educou a mocidade, conquistou adesões nos mais políticos, influiu-se no elemento militar e foi, enfim, um dos mais importantes fatores da Revolução de 15 de novembro de 1889.

Primeiro Ministro das Relações Exteriores do novo regime, Quintino imprime à nossa política exterior no continente aquele alto espírito de fraternidade e de confiança, que sempre inspirou a sua ação de propagandista e tanto admiradores lhe trouxe em todas as Repúblicas americanas.

Foi pelo seu entrinhanado culto à solidariedade entre os países americanos que ele, poucos meses após o tratado de 7 de setembro de 1889, que submetia à decisão de um árbitro a questão do território de Palmas ou dos Missões, entre a Argentina e o Brasil, pretendeu apressar a solução por via de um concordado diário, e, para tal fim, assinou em Montevidéu, a 25 de janeiro de 1890, tratado que dividia o território Misiones.

O Congresso Nacional brasileiro não aprovou o dito tratado, tendo ficado de peço o processo do arbitramento, em que, representante de 5 de fevereiro de 1885, do presidente Graver Cleverland, foi integralmente reconhecido o direito do Brasil, sendo a decisão acatada e cumprida pela grande República do Paraguai, nossa irmã e amiga.

Desse episódio histórico não sofre diminuído o nome de Quintino Bocaiúva, porque, afinal, todos reconhecem que a sua cordura lhe inspirou por um supremo ideal: o da unidade destrutível da América em uma só família e uma só pátria.

## A inteligência e a civilização - Bocaiúva

A civilização do mundo, o progresso das nações, não tem só exigência material. A Indústria, que é o verso das sociedades humanas, não significa só a manipulação da matéria destinada à satisfação dos sentimentos. O pão para o espírito é tão necessário como o alimento para o corpo, e a inteligência, que é uma força produtiva e a origem da verdadeira propriedade material, tem também a missão de concorrer para a satisfação das faculdades e dos instintos morais da sociedade.

Essa força é a inteligência em todas as suas manifestações: no artigo do jornal, nas páginas

do romance, nas cenas do drama, nas melodias do verso, que é aplaudido, decorado, apreciado em todos os sentidos, e que serve simultaneamente de orgulho e desgosto à ostentação a honra do país... Para a modesta profissão das belas artes e das letras, que ainda não se abriu espaço. Pode contar-se pelos abatimentos os generosos esforços, que se tem tentado em seu benefício. E hoje que a favor da sua própria forma propulsora, ela comece a abrir-se em horizonte mais limitado, fôrça ignorância reciproca não se cometer nem se amparar tentativas que propendam a alargar-lhe a estreita.

Se Piularco escrevesse do Guizot e do Príncipe, e depois, segundo o seu processo, ilhesse o paralelo entre os dois, que admiravam a riqueza de contrastes!

São exatamente, os dois polos do republicanismo brasileiro.

Não fosse o Príncipe, a seu turno, uma individualidade, tantamente e tão forte, e basta para dar muito approximação à ideia dele, dizer a seu respeito o inverso do que se disse do seu antípoda.

O Príncipe, assim chamado pela hoste dos adversários de imprensa, é liso, distinto, fluido, como o título indica, ou mais ainda, pois principes há como o condé d'Eu, com os seus matus meus de sujeito liso.

Rapaz magro, nervoso, rosnante, chamado Campos Carvalho, tinha precisão de puxar as orelhas.

Aristocrata conto se houve nascido num solio de uma ascendência de muitos séculos de reis, tem a linha inquebrantável do nobreza ingénita.

Cuidado que, pô-lo lado materno, tem sangue de espanhol, com raízes pela República Argentina.

E juro que desejo de D. Quixote, o mais valeroso andante que jamais se canô espadada.

Com a linha fidalga que se dão a pessoas os seus inimigos e antípicos. Esperava-os como a lha a certa classe humilde de observadores. Mas o que sabem todos que o conhece é que essa linha é natural, pertencente tanto como o seu belo olhar meridional, a ampla testa paixão, o largo leito romântico.

Bem o sabe quem o viu num dos mais altos momentos do seu passado, há mais de vinte e três anos, na rua da Ouvinte, acima, onde é hoje a confecção Callau.

Era em Fevereiro de 1873.

Ao anotitar de um belo dia, pôs-se em festa o edifício d'A República".

O jornal era então de exclusiva propriedade do nosso homem, que nele escrevia com grande moderação, com o que denavavam os jacobinos da época, chamados federais, capitaneados por Arístides Lobo. Esta, aquela noite, em festa a fundação da folha. Bandeiras de todas as nações republicanas, e, entre elas, a bandeira brasileira sem a coroa, ornava a frontaria da casa. Sobre a tabuleta que trazia o nome do jornal armava-se uma inscrição a gás — Viva a República! E, num transparente, no centro, o retrato de Embílio Castelar, do sr. Castelar digo eu agora, que o homem está quase caricatural do sr. Lact.

O mestre exultava, sereno e grav, ainda como exulta e como faz tudo.

Proclamava-se a República na Espanha, na sua Espanha, na terra dos antepassados do seu génio, na terra dos seus costumes, pôde grande festejaria que foi sempre!

E uma página que merece ser escrita, aquele ataque ao edifício da "República" pelo policial dr. Duarte de Azevedo.

Em meio à festa, o povo que, ao colar da noite, se aglomerava, e da sala de anatar terra turva a palavra inflamada, mas ainda e sempre correia, do grande jornalista, o povo, digo, conviteu-se de improviso em turba de maltrapilhos, de espadas policiais, e contra o prédio, onde se achavam famílias, senhoras, rompeu então um bombardeio intenso de pedras e bombas de charrua, que no parlamento, com uma jornalidade fúmbre, o então ministro da Justiça.

A polícia apedrejava, viu-se em ocasião alguma, e pôr-lhe, silenciosamente, a agressão. Polichão intimamente, tão intrincado, foram vistos a carregar violentemente se lhe impôs ao círculo de pedras. Quem o discute?

E quis apenas mostrá-lo

acompanhá-lo, em toda sua glória, Francisco de Paula Silveira não cabe aqui, nem é próprio Lobo.

Ninguém ignora o que foi estavam revoltado com o fato de ver a Bandeira Nacional e suas armas imperiais, um delegado da polícia foi intimar ao proprietário da folha que retirasse daí aquela bandeira ou não responder por nada, nem pela segurança da propriedade, nem pela das vidas.

Houve um momento de grande ansiedade. Na sala da frente do príncipe andou, que veio a produzir o 15 de Novembro, foi quem levou toda a campanha de impressão, com tanta plena, pacífica e talento que é ainda hoje o chefe civil mais querido do Exército, a despeito da maldição que disse.

Mas, tão explorada quanto seu nome e contra o seu patriotismo, que finalmente iluminou essa prova suprema.

Nem só como jornalista é um triunfador consagrado.

Na qual pense que ainda fala melhor do que escreve.

Por mim, não sei decidir. O certo é que não temos melhor parlamentar mais corajoso e elevante, seus discursos, nos últimos tempos, são monstros de sabedoria política.

Triste condão pose, entretanto, esta natureza excepcional provocar a calúnia, como o armínio atrás as maculadas.

Não há por si maldiz nenhuma que se não tenha atrevido contra ele. Nunca, porém, automaticamente nunca, deixou de esmagar a acusação e o crime.

Apenas, e ainda isto o carregava profundamente, só o libertado muito bem o tem liberado e de livre vontade o quer. Não há nenhuma sombra sobre a face da terra que obrigue a falar antes ou depois do que lhe parece oportuno e útil.

Tem uma qualidade extraordinária, observava-me José Ubaldino de Amorim é honesto que só diz o que quer!

Juro aos deuses imortais que, no trazar estas linhas cheias de justiça, não penso um instante no que ele tem de

no futuro, e se o Príncipe chegar a presidente.

Se lá engrar melhor para ele e para a Pátria; a mais, pessoalmente, nada pode

me dar; por isso também não

sinto o mínimo constrangimento em louvá-lo em público,

por todo o seu grande passado.

Que eu conheço e ventro.

Inclino a minha pena insensivelmente e livre em solene homenagem diante deste que foi o Brasil o fundador da República e é de ser sempre uma das glórias mais puras, mais firmes e mais radiantes.

(Caricaturas Instantâneas).

## NUM RETIRO FELIZ

Quintino Bocaiúva

... Das coisas políticas é melhor não conversarmos. A situação me parece melindrosa e como o ano é climático, a indicação de candidato à tutela presidencial, dizem-me que já fervem as ambigüez e as intrigas. Apesar de ausente, sei que se ocupam com a minha pessoa. Mas se souberem quanto sou feliz no meu retiro e não pouco me preocupam as pretensões políticas nem de meu nome se lembraram, o que seria para mim — o mais forte e perioso remate da minha existência: porque morria para a política com a consciência limpa e tranquila.

... A situação econômica e financeira da República é que me preocupa muito. Ou muito me entendo ou prenunciam-se os predromos de uma crise séria.

Administrativamente continuamos a arrostrar uma existência infeliz. A anarquia e a immoralidade não punidão estão produzindo frutos, avaros, que envenenam o ambiente republicano. Todos os verões mais ou menos desordenados e as crescentes colossas sempre aumentando isto é que me aterra

... (Da correspondência com Gabriel da Cruz — Apud Mário Leão — Quintino Bocaiúva)

Algumas fontes  
sobre Quintino  
Bocayuva

BIBLIOGRAFIA:

- Como as fontes que podem servir para a reconstrução da biografia ou das ideias de Quintino Bocayuva, apontarem as seguintes:
- *Anais do Congresso Constituinte, Rio, 1890-1893.*
- *Anais do Senado Federal, 1890-1912.*
- *Anais da Câmara dos Deputados, 1912.*
- S. O. Gomes de Castro e A. Gómez Castagnino - *O Senado Federal de 1890 a 1927.* Rio, 1927.
- Coletânea dos vários jornais em que Quintino trabalhou, em especialidade os números 106 de *O País*, das datas 12, 13, 14 e 15 de julho de 1912.
- *Lei que promulgada em 20 de setembro de 1892, em São Paulo, no banquete político oferecido pelos republicanos a Quintino Bocayuva, eleito chefe do Partido Republicano Paulista pelo Congresso Federal Republicano.* - Edital oferecido no Clube Republicano do Povo por M. Barata, Típ. Tavares Cardoso, Para, 1892.
- *Diário de Abrantes - Atos do Governo Provisório.* Imprensa Nacional, Rio, 1907.
- *Paulo Aranha - Correspondência de Joaquim Nogueira e Mauá de Assis - Monteiro Lobato e Cia. São Paulo, 1923.*
- *Mauá de Assis - Páginas Recolhidas - Correspondência - Crítica Teatral. Rio.*
- May Barbosa - *Colunas de Fato - Editora Guanabara, Rio, 1932.*
- *Santos (Ferreira Viana Filho) - Biografia do Senador Quintino Bocayuva, chefe da propaganda republicana. Publicado em 2 de setembro de 1893, Capital Federal. Típ. da Comp. de Letras Nacionais do Brasil, Março/abril, 1900.*
- Teixeira Mendes - *Benficiário Constant, Estudo de sua apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira.* Imprensa Nacional, Rio, 1937.
- *Carvalho - Quintino Bocayuva.* Edição do Ministério da Educação.

**PAUTAS PRINCIPAIS DA VIDA**

1856 QUINTINO BOCAUYUVA:  
1856 4 de dezembro - A sua família para São Paulo. Ali inicia os estudos da cursa anexa à Faculdade de Direito. Começa a atividade jornalística, escrevendo para o *Acapulco* e a *Hora*. Adota o nome de Bocayuva.

1858 Tendo ficado orfão aos 13 anos de idade, o menino Quintino é levado aos 14 anos para São Paulo. Ali inicia os estudos da cursa anexa à Faculdade de Direito. Começa a atividade jornalística, escrevendo para o *Acapulco* e a *Hora*. Adota o nome de Bocayuva.

1858 Quintino Bocayuva estreia no teatro com *O Trator*.

1859 Aparecem os *Estudos críticos e literários*, livro de estreia de Quintino Bocayuva.

1860 Juntamente com um grupo de correionários Quintino funda o Partido Republicano. Redige o manifesto, que sai publicado no primeiro número do jornal *A República*. 3 de dezembro.

1861 São empasteladas as oficinas de *A República*. Quintino inicia a atividade no *Globo*.

1864 Quintino assume a direção de *O País*.

1869 (maio) - Em congresso

# STÉPHANE MALLARME - A ENTREVISTA - <sup>II</sup> Alphonse

*Antes de passar ao estudo das formas estabelecidas, cada vez mais as asperezas e os teores da arte daquelas que, ainda dissidentes, pretendem a conquista do futuro e se apresentam a si mesmas como os vanguardas de amanhã.*

*Consegui pelos dous principais precursores do movimento semi-decadente, MM. Stéphane Mallarmé e Paul Verlaine.*

M. STÉPHANE MALLARME

Um dos homens de letres mais geralmente estimados da literatura francesa. Estatura media, barba grisalha, falava em português, nariz grande e reto, orelhas compridas e pontilhas de ouro, olhos largamente pendentes brilhando de um claramente extraordinário, uma singular expressão de agudeza temperada por um grande ar de bondade. Quando fala, o gesto acompanha sempre a palavra, um gesto abundante, cheio de graca, de precisão, de eloquência; a voz se arrasta um pouco no fundo, varvando suavemente as gradas; um poderoso encanto nasce do homem, em quem se uniu um imparável orgulho pairando acima de tudo, um orgulho de deus ou de mundo, diante do qual é preciso logo a gente se curvar interiormente — quando se tenta compreendê-lo.

Assistimos neste momento de direcção, a um espetáculo verdadeiramente extraordinário, único em toda a história da poesia: cada poeta vai, no seu canto, tocar numa sinfonia, bem sua, as árias que lhe apresentam, pela primeira vez depois do começo os poetas não cantam mais "au lutin". Aliás aqui eram necessários, para o acompanhamento, os grandes órgãos oficiais, não eram? Muito bem, tocou-se domais e houve o cançao. Ao morrer o grande Hugo, estou certo, estaria convencido de que havia enterrado a poesia por um século. Entretanto Paul Verlaine já havia escrito "Sagesse". Pode-se per-

doar essa sinfonia, em quem realizou tantos milagres; mas ele não conta com o eterno instinto, a perpétua e inelutável impulso lírica, sozinho que faltou esta noite infindável que, numa sociedade sem estabilidade, sem unidade, não se pode eriar a arte exarada, que definitiva. Dessa organização social macaboda que expõe ao mesmo tempo a iniquidade dos espíritos, nasce a necessidade de invenção de individualismo, de que as manifestações literárias presentes são o reflexo direto.

Mais imediatamente, o que expõe as recentes inovações, é que se comprehende que o enigma forma do verso não era mais a forma obsoleta, única e inutilável, mas sim um meio de fazer inefável verso direto. Falou-se aos meninos: "Não furem, que rodes se dão honestos". Esta certo, mas não é tudo: fora dos preceitos sagrados, é possível fazer poesia? Concluiu-se que sim e fez com razão. O verso está em todo lugar na língua, onde haja um ritmo, em todo lugar — certo nos anúncios e no quarto pátio dos jornais. No gênero chamado prosa, há versos às reves admiráveis, de todos os ritmos. Mas na verdade não há prosa: há o alfabeto, e, depois, versos mais ou menos comprimidos, mais ou menos distorcidos. Todas as rezes em que haja esforço para o estilo, há perspicacidade.

Enfim disse agora mesmo que, se se chegou ao verso atul, foi sobretudo porque se cantou o verso oficial; mesmo os seus partidários participam desse cansaço. Não é algo de obscuridão que, ao abrir não importa qual livro de poesia a gente esteja certa de encontrar do princípio ao fim ritmos uniformes e convencionais, ali onde se pretenda, ao contrário, nos interessar pela variedade essencial dos sentimentos humanos! Onde está a inspiração? O imprevisto? E que

lascívio! O verso oficial não apresentando os objetos diretamente, viciar seu em momentos de cese de olhar; os poetas atuam de bora o compréndem com um sentimento de reverência muito delicado, reservando, contudo, a imagem se erofando das sombras suavizadas por elas, em um cento; o Parnassiano, em contrário, é cura por interro e "nosso": por isso é que faltam mistério; conseguem os expoentes da sagração de um editor que edita evitando "Numeos" um objeto e suprimindo três quartas partes do prazer do poema, que é feita da folleza de admirar qualcosa a paixão: "enjalarlo", diz o santo. E a poesia utilitária desse mistério que constitui o simbolo: concear, ponco a paixão, uma coisa para mostrar na estuda de almas; ou, ao inverso, escolher um objeto e fazer se desprendendo dele um estado de alma, por uma série de decifrações.

Mas sim, o Parnassiano, amarrado ao verso muito estrito, devo por si mesmo, não perceberam que havia apenas um esforço complicando o deles, esforço que tinha ao mesmo tempo a vantagem de criar uma espécie de interrupção para o grande verso, exaltando que peia merece. Mas é necessário se saber que as experiências das recentes chegadas não servem a suprimir o grande verso, mas sim a insultar mais ai no poema, a criar uma sorte de flutuar, de mobilidade entre os níveis de grande língua, o que lhes faltara um pouco de agorá. Querem-se de subito nas orquestras belas brillâncias de metal; mas sente-se bem que se somente houvesse uso a gente se fatigaria depressa. Os novos esforços desses grandes banhos, para si os fizer aparecer no momento em que devem produzir o efeito total, e assim que o alexandrino, que ninguém inventou e que brotou já total do instrumento da língua, ao invés de continuar maniaco e sedentário como até há pouco, será pelo contrário mais livre, mais imprevisível, mais orgânico: adquirindo outro valor, o de só ser empregado nos movimentos graves da alma. E o romance da poesia futura, se é naturalmente esse, circulando através de o grande verso musical com uma infinidade de motivos tomados no ócio individual.

Há ciúme pela inconsideração de uma parte e de outra, de que os sujeitos podem se retrair, antes que se destruir. Porque, se de um lado os Parnassianos foram, na verdade, os absolutos servidores do verso, e sacrificando até a sua personalidade, os novos tiraram a sua aptidão de misticismo, como se nesse houvera antes; mas estes não tem mais do que expandir o interrompimento, a constrição parnasiana, e para mim os dois esforços podem se completar.

Esta opinião não me impede de acreditar pessoalmente que, com a maravilhosa ciência do verso, com a arte suprema das taças, que possuem os mestres como Banville, o alexandrino possa chegar a uma variedade infinita e regular todos os possíveis impulsos de paixão: "Le Forgeron", por Banville, por exemplo, em alexandrinos terminantes e outros, ao reves de uma inverossimil conciliação.

Apenas, esse nosso instrumento tão perfeito e de que lhe serve se lembra muito demais, não seria ruim, mas que devansse-se um pouco.

— Eis ai, quanto à forma — digo a M. Mallarmé. E o juízo?

— Creio, me respondeu, quanto ao fundo, que os moços estão mais próximos do ideal poético do que os Parnassianos, que tratam ainda os seus motivos a menoros dos velhos preceptores filósofos e dos velhos preceptores

única, numa época em que o poeta está longe da lei, a devo-tar todas as horas, em sua total liberdade, e uma soberba "educação".

— Que pensa do fim da cultura?

— A intangibilidade da literatura até agora foi a de ver, um exemplo, que escolher um cravo, de pedras preciosas e de por ai seu nome é usada, ainda que com pertinacia, e lá se pedras preciosas. Pois bem: não! Considera a poesia em "estar", é necessária tomar na alma humana escondida, clarões de uma pureza tão resplandente que, bem contados, os demais expoentes a isto, isso constitui na verdade as folhas do homem: ai, há símbolo, há criação, e a palavra presisa tem o seu sentido é em si mesma, a única criacao humana possível. E se, verdadeiramente as pedras preciosas com que a gente se enfeita, não trouxeram estudos de alma, é indenamente que se enfeita... A mulher, por exemplo, essa eterna amiga do afeito...

E ali, acrescentou a meu interrogatório meio rindo, o que existe de admirável nas revistas de notícias é, às vezes, nos ter revelado, por meio do comissário de polícia, que a mulher se ovensse indevidamente com aquilo que sentiu secreto de ignorar, e que isso é pertinente portanto.

Voltando ao naturalismo, me parece que é preciso entender por esse termo a literatura de Zola, e que o termo marcará de fato quando Zola tiver terminado a sua obra. Tinha grande admiração por Zola. A maior verdade, ele fez, nessas literaturas verdadeiras da arte evocativa, encerrando o menos possível de elementos literários; tornou as palavras e certo, mas apenas isso; o resto provém da sua maravilhosa organização e repente logo no espírito das massas. Possui realmente qualidades poderosas; o seu senso mandado da vida, os movimentos da multidão, a pele de Nana, cujos granulos nos todos acirramos, tudo isso confundido em prodígio aquarelhas, é a obra de uma organização verdadeiramente admirável! Mas a literatura tem algo de mais intelectual do que isso: as coisas existem, não nos compete criá-las: só fumos que aprender as suas afinidades, e só os fios dessas afinidades que formam os versos e as questões.

— Conhece os psicólogos?

— Um pouco. Parece-me que depois das grandes obras de Flaubert, dos Goncourt e de Zola, que são uma espécie de poemas, voltou-se ao velho gosto francês do último século, muito mais humilde e modesto, que consiste, não em tomar da pintura os meios para mostrar a forma exterior das coisas, mas em dissolver os motivos da alma humana. Mas existe, entre isso e a poesia, a mesma diferença que há entre o espartilho e um colo bonito...

Antes de me retirar, perguntei a M. Mallarmé os nomes das coisas que representam, segundo ele, a evolução poética atual.

— Os moços que me parecem ter feito obra de mestria, isto é, obra original, independente de tudo anterior, são Morce, Moreau, um cantor delicioso, e sobretudo, este que dei alegoria a mais forte arraigada, Henri de Régnier, que como Vigny, vive um pouco longe, no recolhimento e no silêncio; e a gente de quem me inclino com admiração. Seu último livro, "Poèmes anciens et romanesques", é uma pura obra-prima. — No fundo, veja, me diz o mestre ao me apertar a mão, "le monde est fait pour aboutir à un beau livre".

## SONHEI-A

Bonhei-a. Dormia com a mão sobre os seios, Talvez nos anseios de um vago sonhar. E vinham-lhe no rosto quebrar-se em desmaios. Os pálidos raios de um tibio luar.

Que noite! que ar puro! que mágico efeito Nas libras do peito senti palpitar. Que sustos, que angústias por vê-la abatida, Por vê-la dormindo tão perto do mar!

E a noite ia alta e a brisa gêmea! E o mar parecia querer-lá beijar! Dormia tão perdo que os alvos vestidos Julguei confundidos com a espuma do mar.

Assim que avistei-a de longe correndo Cheguei-me tremendo já quase a tocá-la. Proprieta era a hora, da noite a ensejo. E louco, num beijo ful quase acorda-la.

Mas antes do beijo depar-lhe na fronte No vasto horizonte, eis, surge-me o dia! O encanto desfez-se, a sombra fugiu-me, Fugiu-me, e entre as névoas da noite perdi-a!

(LIRICA NACIONAL)

## QUINTINO BOCAJUVA

### PRINCIPAIS FATOS DA VIDA DE QUINTINO BOCAJUVA

Contin. da pg. 59

1904

(17 de abril) — Deixando a presidência do Estado do Rio, e Quintino reeleito senador federal. Retirou-se a tonar possa da cadeira, e retira-se para a fozena em Pinheiros, São Paulo.

1909

(30 de janeiro) — Quintino é novamente eleito para o Senado. No mesmo ano, é escolhido para vice-presidente da casa, sendo reeleito nas sessões seguintes.

1912

(11 de julho) — Acometido de uma gripe pneumonia, falece Quintino Bocajuva.

1892 Renuncia à cadeira de senador.

1893 (21 de agosto) — Quintino é reeleito senador pelo Estado do Rio, sendo reconhecido em 8 de setembro seguinte.

1899 (30 de dezembro) — Quintino é reeleito para o Senado Federal pelo Estado do Rio.

1900 Visita de Campos Salles à República Argentina. — Quintino o acompanha.

1901-1903 — Quintino exerce a presidência do Estado do Rio.



Olegario Marianno, autor carioca da seuhora Leopoldina Celli

## OLEGARIO MARIANNO

Nascceu Olegario Marianno Carneiro da Cunha no Recife, Pernambuco, no dia 21 de maio de 1889. É filho de José Marianno, leitor permanecente da Academia e da Repúblíca e de d. Catarininha, estória pernambucana da sua terra, e da mulher brasileira, de cuja tem de mais puro e abençoado.

Estudou no Colégio Pestalozzi, e quando se transferiu para o Rio de Janeiro, desde logo se identificou com os poetas e os escritores em voga, tendo sido um dos discípulos de Mário Peixoto, nos primeiros anos de sua carreira literária. Nos grupos boêmios da rua do Ouvidor, onde possuíram casas Guimaraes Passos, Emílio de Menezes, e Olavo Bilac, não era raro encontro-se o adolescente de alma negra e de pulmão sempre pronta, mas cuja poesia

fazia ed meblinas de rismas e cantigas, e o canto a missa de Nossa Senhora, e primitivamente, cantando com os preceios do samba-canção já em declínio. Em 1926, por morte de Mário de Almeida, foi ele eleito para a Academia Brasileira, para a cadeira nº 21, criada por José do Patrocínio, e que tem como patrono Joaquim Serra.

Durante algum tempo teve Olegario Marianno atividade política. Foi deputado à Assembleia Constituinte, que elaborou a Carta de 1934. Em 1937, exerceu uma cadeira na Câmara dos Deputados.

Por morte de Alberto de Oliveira, foi ele eleito Príncipe das Fazendas Brasileiras, título o qual figura em bronze no Passeio Público.

## BIBLIOGRAFIA DA POESIA DE OLEGARIO MARIANNO

E a seguinte a obra poética de Olegario Marianno, até hoje publicada:

*Angelus — Versos — 1911.*

*XIII Sonetos de Olegario Marianno — Rio de Janeiro, 1911 e 1912.*

*Evangélio da Sombra e do Silêncio — Água corrente — 1ª edição — 2ª edição — 208 páginas — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1930.*

*Últimas Cigarras, 1ª edição — Rio 1915 — 2ª edição — 3ª edição — 4ª edição aumentada — 170 páginas — Editora Brasileira Luz — 1925.*

*Castros na Arca — 122 páginas — Edição da Pimenta de Melo — Rio — 1923.*

*Quilade Maravilhosa (Poema) —*

1ª edição — Pimenta de Melo e Cia. — 1922, 2ª edição aumentada — 93 páginas — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1930. — Bo-ta-clar — 1927.

*Canto da minha Terra — 99 páginas. — Pimenta de Melo, S. d.*

*Distinto — 1ª edição — 152 páginas — Editora Americana — Rio 1931. 2ª edição aumentada — 176 páginas — Editora Guanabara — Rio — 1933.*

*Teatro — Único Amor, O Prelú-*

*do do Pingo d'água. Arlequinhada — Coleção de Poemas de Amor, organizada e publicada sob a direção de Renato Travassos — Edição da Guanabara — Rio S. d.*

*Poemas Escollidas — 146 páginas — Livraria Freitas Bastos — Rio — 1932.*

*Permas de Amor e de Saudade — Rio — 1933.*

*Vida — caixa de brinquedos — 157 páginas — Edição Guanabara — Rio — S. d.*

*O Enamorado da Vida — Poemas — 181 páginas — Editora Guanabara — Rio — 1937.*

**ALGUMAS FONTES SOBRE OLEGARIO MARIANNO**

Gustavo Díaz — Discursos recitados por Olegario Marianno na Academia Brasileira — (Discursos Acadêmicos).

Fernão Noves — A Academia Brasileira de Letras.

José Ribeiro — Vários artigos no Jornal do Brasil.

Márcio Leão — O Enamorado da Vida em Jornal do Brasil.

Márcio Leão — Entrevista de duas páginas (Revista da Academia, 1942).

Arturino Griceo — Evitação da poesia brasileira.

Humberto de Campos — Crítica, 1ª v.

## O ENTERRO DA CIGARRA

ta fermezas levavam-na... Chovia... Era o dia... Triste outono invernal! Parte, uma fonte, em suave movimento, Calmava os seus tremulós espíritos.

Quando eu a enchi, ela trazia Na voz um triste e doloroso accento. Era a cigarra de maior talento, Mais cantadeira desta freguesia,

Passa o cortejo entre árvores amigas... Que tristava nas folhas... Que tristava! Que albera nos olhos das formigas...

Pobre cigarra! Quando te levavam, Enquanto te chorava a natureza, Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

(Poesias Escolhidas)

## FELICIDADE

Não creias nunca na felicidade, Não creias que ela é semelhante ao amor; Passa e cobra um perfume de saudade, Purificado em lágrimas de dor.

Gastei meu sangue na intranquilidade De buscas-lá... (Insecreto sonhador) Ela é a opala do Sonho, a levandado, Passa de mão em mão, muda de cor.

Deixa que eu só me iluda em procurá-la. Felicidade é a sombra que nos fala, Que nos maldis na vida ou nos bendiz.

Efêmera e imprecisa como um beijo, Ela está quase sempre é no desejo Louco que a gente tem de ser felizes.

(Poesias Escolhidas)

## DESLUMBRAMENTO

E amor? Não sei. Esta intranquilidade, Este geso na dor, esta alegria Triste que vem de manso e que me invade A alma, entediada e tornando-a mais vacia;

E-te cansaço extremo, esta saudade De uma coisa que falta a Vida... O dia Sem sol, as noites ermas, a ansiedade Que evita e a solidão que anestesia,

E amor, Egoísmo de sofrer sozinho, De as penas encobrir do humano açoite, De transfigurar as pedras do caminho

Em carícias sutis para colhê-las E andar com um sonâmbulo, na noite, Encantando os olhos às estrelas...

(Poesias Escolhidas)

## MIGALHA DE VENTURA

Trem-me a luta que os olhos me alumia, O ar que me enche os pulmões e o céu que ladrou

Trem-me esses momentos de alegria, Trem-me a voz de pássaro canoro;

Trem-me a paz de espírito, a harmonia De vida, e o mar que canta, quando eu choro. Trem-me a noite e, no Junh da noite iria, O sonoro esplendor do céu sonoro;

Trem-me a glória de viver, o encanto, A lágrima, o sorriso, a mocidade Que faz com que eu na vida engane tanto;

Trem-me o manto, deixem-me desnudo, Mas não me trem da má estada saudade Que é meu sangue, meu ser, meu pão, meu tudo.

(Poesias Escolhidas)

## Um autógrafo de Olegario Marianno

Misterio

Non! Nunca saberás porque motivo  
nunha perseverança te acompanha:  
O sol quando aparece, ardente e vivo,  
Doira primeiros e encosta da montanha

E rasteja a seu pé, pobre cativo,  
Preso aos misterios de uma força estranha,  
Como se do granito primitivo  
Recebesse o esplendor em que se banha.

Mermo quando declina, à sombra dela  
Impreme em cada folha e em cada palma  
Um raios esquivo de melancolia,

Mas seu último beijo é para aquela  
Sua alma não pode dar por não ter alma,  
Sua lhe nega o seu corpo porque é fra.

Olegario Marianno





# O MITO DO BRASIL-MENINO

*Conferência proferida pela dra. Elza Paxeco, no Centro de Estudos Filológicos de Lisboa, em 16 de novembro de 1941*

Longe está a lha em que eu nasci... "L'ile éclatante et lointaine", a lha hereditária perpétuamente envolta na dança das marés, guardada pelos dragões verdes da mar das Tempestades; de mar Teñibroso na Terra da Luz. Longe está — no tempo e no espaço — a lha dos meus oito anos; mas longe no espírito do que no tempo e no espaço, mesmo dentro do meu coração. Aqui fui para sempre a imagem da velha cidadela colonial, na abraço dos gênios do Rio, com as suas igrejas gregas jesuíticas e as suas ladeiras onde a água canta depois da chuva só o céu exibe.

Dizem-me que a minha cidade já não é velha, nem colonial; remodelaram-na com energia e picareta. Ainda existira a rua da Palma? E, ao esfio da sua Direita torta como a boa tradição, existiria ainda a casa e o seu jardim que era um paraíso por onde entravam o sol, a lha e as estrelas? A casa, sempre de telhas à mostra, encantando a parede de antigos — igualzinhos a uns que há ali na Lavra, por onde eu passo com a sensação de quem vai em romaria.

Ainda existiria a lha? Ou está "pra afundar", como a de Jorge de Lima?

Não digo em que signo se encontra esta lha. Mas lha mais bela não há no lalto mar. (1)

LA não havia só o peixe cantor, baléias azuis, o ouriço vermelho, os rios de leite, os valões em flor, o grande arco e "nas noites que noites de imenso huir". Havia também as criancinhas que estavam e estudavam com amor a história da sua terra, como aquele menino que empregou o seu conhecimento à americana Vera Kelley para o leitor das "Seven Keys to Brazil". E essa história é tão bela que aqui parece uma lenda. Pelo menos assim pensava a menina que não ia à escola, mas a quem seu pai levava às fundações das velhas cidades, principiando pela menor, antes que a menor fosse Rosina Pombó e João Ribeiro. E conhecia o "La Ravarete" e o "Brinquinho de Albuquerque", o "Homem aventureiro" (como triz o lino), o Padre Vitor prenunciando aos pésseis e os homens da "Almas brasileira", estudantes em Coimbra ou em Paris, depois esclarecendo a Pátria com as suas lutas. Mamãe dizia à menina: — Esta é a casa das Holandeses, aqui foi o colégio dos Jesuítas, acolá um campo de batalha. E mostrava-lhe a grama verde do Padre Grande arrebatadora os "senhores" a um arrependimento de certa dura, e o Poeta de mármore branco, rodeado das palmeiras que celebrava, fitando as ondas que o levaram. E a alma relembrava o seu Jasarel e o Matina Pereira gritando no rosto ao pino do meio-dia ou crescendo, crescendo, crescendo desde petrópolis até batar com a cabeça na lha, e o Curupira feito preto velho ensolheidido pedindo fumo e a Mãe Dágua (2), de longos cabelos. Perrault, Grimm e até o muito querido Andersen não tiraram esses contos da cabeças da menina, mesmo quando elas, depois de subir ao Pão-de-Açúcar e de morar à beira do Amazonas, onde nas grandes ruas plantadas de mangueiras, as cigarras cantam, deixaram aquela terra encantada e viu Europa, França e Baía.

Quando eu era pequenina, houve lá para as bandas do sul o grande sucesso de uma revolta da literatura "moderna", parte da rebeldia mundial contra quem escrevia no jeito de Bilac. Anos mais tarde chegou a leitura de alguma coisa produzida pelo movimento através dos vintes e dos trinta do século. Segundo Adalgisa Nery, a messe não foi o que se poderia prever depois de tão clangoroso semear; hoje, porém, "há uma compreensão maior: sabemos que já não nos basta querer os quadros formais... e sim procurar uma harmonia, um equilíbrio entre o interior e o exterior..." (3).

Entre as obras lidas, Macunaima e Martin Cerey, sobretudo mostraram-me que aquela terra das recordações de criança era o mesmo Brasil-menino onde se confundiam os passos dos heróis de tantos com os pigadas dos desembolsos da selva e os rasuros da Co-

bra Grande. Era a terra que o Cruzeiro protege.

Eu tenho estes braços abertos assim, na amplidão das espasas como que pra dizer: vind todos! que este céu é bastante profundo e servirá de telo a todos quantos sofrerem no mundo! (4)

Era a terra dos pássaros cantantes e da lua.

Terra cheia de urcas  
Terra cheia de pássaros  
Terra cheia de luar.

A grande Terra girassol onde havia guerreiros de tanga e onças raiadas deitadas à sombra das árvores mosquedais de sol! (5).

Dirão alguns que estes poetas em verso ou em prosa devem ter seguido a filosofia de Graciosa Aranha; mas a presença de sentir idêntico no mente infantil de quem não a conhecia, pode provar a sua existência original.

Eis alguns dos motivos encontrados na obra do velho teorizador dos modernos brasileiros: — "Estamos na dourada habitação da luz. Do alto do céu todo o vasto continente brasileiro aparecerá como um diamante a cintilar nas sombras do Infinito... Dentro dessa luz a natureza ostenta os prodígios da sua criação... E' a floresta tropical na sua magnificência e na sua desordem, a floresta criadora da vida eterna, onde árvores soberbas, profundas da terra e se enlaçam como irônias; onde tudo se transforma, os pássaros coloridos são como flores aladas, os ventos como pássaros que cantam... Tudo é magia no silêncio verde. Curupira surveja como fogos que danham e traz a morte extremidade, num canto canta a flauta, a margem do regato, a hora ruiva do sol ponente, a Yara, a mãe de água, penetra os seus cabelos ouro e vermelhos" (6).

"Que deuses e que mitos são esses? Oa o sol, diabólico terrível, que encanta as forças ameaçadoras e descuradoras da natureza, o gênio misterioso da mata, ou a melancolia av que se lamenta de não mudar as perpetuas primavera? Nas águas do silêncio verde, Curupira surveja como fogos que danham e traz a morte extremidade, num canto canta a flauta, a margem do regato, a hora ruiva do sol ponente, a Yara, a mãe de água, penetra os seus cabelos ouro e vermelhos" (7).

"Assim, sob a égide do Sacerdote-mitologista (8), passam o descobrimento e a colonização primeira, a escravidão e os Palmárias, as bandeiras e as assombradas, até o S. Paulo de hoje, desarmânia-eus e dos italiano-brasileiros. O mistério dessas raças primitivas explica o estado de magia intumescível em que ainda vivem os seus descendentes" (9).

"A história da civilização portuguesa em tão tragica terra é um dos mais profundos testemunhos da vitória do espírito humano sobre a matéria" (10).

"Durante dois séculos a grande fascinação foi a do ouro. Desenvolveu-se em plena natureza o drama de uma ardente e estafada cobiça... Mas dessa fúria foi nascendo a civilização, amansada no sangue e na alma sobre a Terra maravilhosa... O prestígio da grandeza do território enleva e envade o brasileiro. Ele sente-se o homem de uma grande terra e sabe que essa terra é bela. E nessa sedução, nessa dominação da natureza a fonte do providencialismo, que exerce sobre o brasileiro a faculdade motora da sua atividade e também de um docíssimo... E também neste misticismo físico da grandeza da terra estão as raízes do exaltado patriotismo que se vai transmitindo às gerações e da luta a aurora da infância esse ilusão nacional, que encche a criança brasileira de orgulho da luta, do céu das estrelas e das outras expressões da natureza-pátria. As menores coisas se engrandecem nessa miragem infantil. Para uma criança brasileira tudo ciò sua terra é superior a tudo das outras terras" (11).

O filho de europeus experimenta a fascinação tal como o descendente do africano ou do indígena, que com ele convive. Mas, se me impressionou para sempre a alma aquela clima, misterioso na sua intensa claridade e temível na sua beleza surpreendente, confesso nunca ter carregado no espírito "o terror de várias deuses, a angústia das lembranças do passado perdido" (12). Outrossim não me parece, na verdade, encontrar no que há de sincero na literatura bra-

sileira moderna aquilo que Graciosa Aranha chamava com instância de terror coântico, falando tanto nisso que os seus adversários acabaram asseverando que ele tinha medo de ter medo" (13).

Tal qual na Estética da Vida e nas suas ruas da infância, o tema tricolor das raias surge e ressurge nas páginas "modernas" devidamente estilizada (pois o Brasil não é, em geral, assim tão vermelho), num motivo artístico que leva a crer os autores germânicos furiosos.

Sendo reverentes a

## HISTÓRIA PRA CRIANÇA

com o seu lapis encarnado,  
o seu giz branco e o seu manjed

Então o Brasil-menino  
rabiscou no seu caderno  
de figura...  
... história

do seu destino (14)

Seguem-se os

## REIS MAGOS

... e pra ouvir a sua história  
vieram três reis encantados:

um vermelho, o que lhe trouxe  
a manha como presente;

outro branco, o que lhe havia  
feito presente do dia;

outro preto, finalmente,  
resto cortado de açote:  
o que lhe trouxera a noite... (15)

\*

No poema fragmentário de Martin Cerey residem mitos do gênero denominado "evenerico" (poesias livres que pedantes!) "mitos evenericos", por causa do filosófico para quem nenhuma vez a transfiguração de acontecimentos históricos. O título apresenta o nome daquele reinado indígena, o São Francisco, depois de subir o influjo das outras duas raças formadoras. "Dai Martin Cerey, da Casciano Ribeiro, "E' o Brasil-menino, a quem dedico este livro de histórias e de figuras".

E assim, sob a égide do Sacerdote-mitologista (16), passam o descobrimento e a colonização primeira, a escravidão e os Palmárias, as bandeiras e as assombradas, até o S. Paulo de hoje, desarmânia-eus e dos italiano-brasileiros.

Quando a Macunaima, o "herói sem nenhum caráter", nascido das negras tapurahins, tem o poder de crescer e transformar-se, como o São; torna-se homem depois de molhado pela cotaia com caldo de alimpá, mas conserva a cabeçinha de um menino; casa com Clá, a rainha do mar, Imperatriz das Caniabanas, e a água da cova, que é pégada de S. Tome, fa-lo milagrosamente branco, de olhos azuis e cabelo louro. "E' ninguém seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo redinha das Tapurahins" (17). O mesmo não aconteceu a seus dois manos, que com ele correm as aventuras deste romance picareco. "Nem bem Jigú percebeu o milagre se atrou na marca do pézão do Sumé. Pois em água já estava suja da negrura do herói e por mais que Jigú enfregasse seu maluco atraindo água pra todos os lados só conseguiu fixar da cor de bronze novo. Macunaima teve dó e consolou:

"Olhe, mano Jigú, branco voce ficou não porém pretunde foie e antes fanhoso que sem naria.

Macunape entô que foi se lavar mas Jigú esborrachara toda a água encantada pra fora da cova. Tinha só um bocadão lá no fundo. Macunape conseguiu molhar só a palma dos pés e das mãos. Por isso ficou negro bem filho da tribo das Tapurahins. Só que as palmas das mãos e das pés dele são vermelhas por terem se limpado na água santa" (18).

Macunaima pode ser interpretado alegoricamente: o herói, as suas façanhas e os seus contrarrebanhos representam, na intenção mística, o Brasil das três raças, sem ilimitações de tempo ou de espaço. João Ramalho e o Padre Vondor de envoltos com as Amazônias, as normâncias, o telefone, o gabinete Palmaí, comedor de gente (alias Veneza), Pinto Pinto, os bonde, a macumba e a muraquita, o



## O MENINO POETA - HENRIQUES LISBOA

(Desenho de Santa Rosa)

All que esse menino  
será, não será...

Certo peregrino  
(passou por aquí)  
conta que um menino  
das bandas de lá  
furou uma estrela.  
Trá-lá-lá-lá-lá.

A estrela num choro  
o menino rindo.  
Porra de rapóete  
— menino tu bido! —  
subiu p'ra morro.  
tornou a prega-la  
com três pregas de ouro  
nas saias da lula.

All que esse menino  
será, não será?...  
Procuro daqui  
procuro de lá.

O menino poeta  
quer ver de perto  
qu'ro ver de perto  
para me ensinar  
as boinhas corujas  
no céu e no mar

onde, como nas estatísticas e na Biblia se pode achá tudo o que se quer (no dizer de Agripino Griece (21), arvoradas em tiranos pelo mestre, forneceram uma linguagem composta, ambigueante, cujos elementos brigam amarguradamente uns com os outros.

E' nessa língua, de base empregada pelos sacerdórios do século XVII, que Macunaima escreve a sua formidável Carta para Iemanjá, paródia de humor quase britânico.

(1) Da Túnica Incomutil.  
(2) Adaptação da ortografia de Mário de Andrade.

(3) No "Diário de Notícias", de Lisboa (20-XI-941).

(4) Cassiano Ricardo, Martin Cerey, pag. 81 da 5.ª edição, 1935.

(5) Id. pag. 47-48.

(6) Graciosa Aranha, "A Estética da Vida", pag. 101-102, passim.

(7) Cf. Monólogo de Carvalho em Martin Cerey, pag. 161.

(8) Cf. Macunaima.

(9) "A Estética da Vida", pag. 100-101, passim.

(10) Id. pag. 27.

(11) "A Estética da Vida", pag. 91-92, passim.

(12) Id. pag. 86.

(13) Agripino Griece, "Gente Nova do Brasil", pag. 220.

(14) Martin Cerey, pag. 88.

(15) Id. pag. 20. Cf. pag. 68-69 e 84-85.

(16) Of. Monteiro Lobato no último capítulo das "Idéias de Jeca Tatu".

(17) Macunaima, pag. 94 da 1.ª edição, 1928.

(18) Macunaima, pag. 56-57.

(19) Emile Bouvier, Initiation à la Litérature d'aujourd'hui (1927) pag. da 9.ª edição.

(20) A Onda Verde, pag. 104.

(21) Onde, cit., pag. 218.

(Continua no próximo número)